

O SETOR DE CARNES NO BRASIL E SUAS INTERAÇÕES COM O COMÉRCIO INTERNACIONAL

O SETOR DE CARNES NO BRASIL

E SUAS INTERAÇÕES COM O COMÉRCIO INTERNACIONAL

SUMÁRIO

RESUMO EXECUTIVO	05
1. INDÚSTRIA BRASILEIRA DE CARNES	11
2. BALANÇA COMERCIAL DO SETOR DE CARNES BRASILEIRO	41
3. BARREIRAS À COMERCIALIZAÇÃO DE CARNES NO BRASIL	55
ANEXOS	61
ANEXO 1 – APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS ANALISADOS CONFORME SUA NOMECLATURA COMUM DO SUL (NCM)	63
ANEXO 2 – LISTA DE ABREVIACÕES	65

RESUMO EXECUTIVO

O complexo brasileiro de carnes compõe uma das principais cadeias do agronegócio nacional. Os números deixam essa posição muito clara: em 2017, o setor de carnes respondeu por 31% do PIB do agronegócio, gerando para o país R\$ 433 bilhões. Todavia, embora o setor proteína animal brasileiro, com muita frequência, seja tratado como uma unidade homogênea (tal qual o exemplo anterior e em diversos momentos desse relatório) é importante ter claro que essa cadeia produtiva é formada principalmente por três segmentos distintos: carne bovina, suína e de frango. Apesar das diferenças, que serão detalhadas na sequência, todas essas cadeias possuem em comum uma expressiva representatividade, não apenas abastecendo o mercado interno, mas tornando o Brasil um protagonista no comércio internacional desses produtos – em ambos os casos, contribuindo para dinamizar a economia nacional.

Ainda tratando do mercado externo, é fundamental destacar que o Brasil é o maior fornecedor de carne bovina e de frango para o mundo, além de ser o quarto maior exportador de carne suína. Dessa forma, o setor de carnes, ao se posicionar como um dos principais setores na pauta exportadora brasileira, contribui para a economia nacional, não apenas gerando emprego e renda, mas também tendo um papel decisivo no superavit da balança comercial e na formação das reservas internacionais do país, o que confere ao Brasil maior estabilidade com relação às suas contas externas.

Dada a complexidade das cadeias agroindustriais de proteína animal, as seções a seguir detalharão os pontos mais importantes do complexo da carne de acordo com os seus principais elos (a saber, agrícola ou industrial) e, por fim, a partir de suas interações com o comércio internacional, com especial destaque para a balança comercial e as barreiras comerciais associadas a cada tipo de carne.

PRODUÇÃO PECUÁRIA: O AVANÇO DO NORTE E CENTRO OESTE

Atualmente, o complexo brasileiro de carnes coloca o Brasil como o 2^a maior produtor de carnes bovina e de frango do planeta e o 4^a maior produtor de carnes suína do mundo. Essas três cadeias de proteína animal respondem por 25% de todo o valor bruto da produção agropecuária nacional. Embora essa produção esteja dispersa praticamente por todas as regiões geográficas brasileiras – em termos mais técnicos, trata-se de uma

produção dispersa, tanto com relação ao número de produtores quanto na quantidade de regiões produtoras –, é importante destacar:

- De forma agregada, entre 1996 e 2016, o rebanho bovino cresceu 38% no Brasil. Ao longo do mesmo período, o crescimento do rebanho suíno foi de 37% e o de frango, 86%;
- Após esses anos, enquanto o efetivo do rebanho bovino se concentrou primordialmente nas regiões Centro-Oeste e Norte (56% do total), as regiões Sul e Sudeste centralizaram as maiores frações dos rebanhos de suínos e de frango (67% e 72% do total, respectivamente);
- No entanto, a participação de cada região no número de animais descrita acima não representa uma imagem estática; ao longo das últimas duas décadas houve forte expansão dessas criações, mesmo em regiões que ainda não lideram a concentração desses “rebanho”. Nesse sentido, merece ênfase, de um lado, o crescimento do rebanho bovino na região Norte e, de outro, a expansão dos rebanhos suíno e de frango na região Centro-Oeste. Por fim, vale salientar a diminuição do rebanho suíno nas regiões Norte e Nordeste.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE CARNE E DE SEUS DERIVADOS: UM ESPELHO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Em 2016, a produção industrial do complexo de carnes atingiu o valor de R\$ 175 bilhões. Decompondo essa cifra, a produção industrial de carne bovina e seus derivados respondeu pela maior fração dessa renda (50,4%, equivalente a R\$ 88,2 bilhões), seguida da produção de carne de frango (32,3%, equivalente a R\$ 56,6 bilhões) e da produção de carne suína (17,3%, equivalente a R\$ 30,2 bilhões).

Toda essa renda foi gerada no Brasil por meio de, aproximadamente, 1.100 abatedouros de bovinos, 646 de suínos e 280 de frangos. Todos esses inscritos sob inspeção federal, estadual ou municipal. Todavia, é importante destacar que a grande maioria desses estabelecimentos conta com a inscrição federal, o que lhes garante a habilitação para atuar em todo mercado nacional ou, até mesmo, encaminhar sua produção para mercados estrangeiros.

A produção da carne e de seus derivados segue, tal qual um espelho, a presença dos rebanhos. Nessa direção, não pode ser surpresa que os principais frigoríficos responsáveis

pela produção de carne bovina, suína e de frango estão respectivamente nos estados de Mato Grosso, Santa Catarina e Paraná, justamente aquelas unidades da federação que contam com os maiores rebanhos dos respectivos animais.

- No Brasil existem 1.100 abatedouros bovinos, 646 suínos e 280 de frangos. Todos estão inscritos sob inspeção federal, estadual ou municipal. No entanto, a grande maioria recebe inscrição federal, o que significa que são habilitados para atuar em todo mercado nacional ou até mesmo enviar para mercados estrangeiros;
- Os principais frigoríficos responsáveis pelo abate de carne bovina, suína e de frango estão respectivamente nos estados de Mato Grosso, Santa Catarina e Paraná. Todos os estados estão geograficamente posicionados na região em que o rebanho do respectivo segmento é maior.

COMÉRCIO EXTERIOR: O GRANDE ATOR DO COMPLEXO DAS CARNES

Embora as carnes estejam fortemente presentes na alimentação diária dos brasileiros, o mercado externo tem um papel de destaque no destino final dado à produção das cadeias de proteína animal. O Brasil lidera o ranking mundial dos maiores exportadores de carne bovina e de frango e é o 4º maior fornecedor de carne suína do planeta. Em geral, os mercados agropecuários são marcados por baixa concentração tanto do lado da oferta quanto da demanda. Porém, apesar dessas características, a participação brasileira como fornecedor de carne para o mercado mundial é bastante elevada (ao menos para padrões de mercados agropecuários): o Brasil responde por 35% de toda a carne de frango transacionada internacionalmente, por 19% da carne bovina e por 9% da carne suína.

- A abertura comercial na década de 90;
- Acordos econômicos entre blocos e países;
- A trajetória de depreciação da moeda brasileira frente ao dólar – ao menos na atual década; e
- Condições edafoclimáticas favoráveis, disponibilidade de terras, incorporação de tecnologia e que, combinados, geraram expressivos ganhos de produtividade.

BARREIRAS COMERCIAIS: UM MURO DE IMPOSIÇÕES AO BRASIL

Atualmente, as exportações brasileiras de carnes alcançam mais de 160 países – a demanda global que não seria suprida se não fosse a oferta brasileira. Ainda assim, as barreiras comerciais estão fortemente presentes para o complexo de carnes nacional. De acordo com os números disponíveis da International Trade Centre (UNCTAD/WTO), é possível identificar pelo menos 20 dessas barreiras, tanto de natureza tarifária como não-tarifárias. É importante ressaltar que a expansão da participação das carnes brasileiras no mercado internacional tem sido acompanhada por um aumento do número de barreiras. O ano de 2017 foi excepcionalmente complicado devido aos desdobramentos da denominada Operação Carne Fraca, que alarmou os mercados e foi utilizada como justificativa para a imposição de barreiras adicionais ao Brasil.

Apesar disso, o complexo de carnes brasileiro tem se mostrado robusto e, mesmo com todo o marketing negativo vindo com a Operação Carne Fraca, combinados com as incertezas associadas à economia brasileira, o mercado dá sinais positivos em 2018. A expectativa é de que a produção e as exportações de carnes superem as cifras registradas no ano de 2017.



1. INDÚSTRIA BRASILEIRA DE CARNES

1.1 PRODUÇÃO AGRÍCOLA

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro encerrou o ano de 2017 em R\$ 6,56 trilhões, enquanto o do agronegócio fechou em R\$ 1,42 trilhão, representando 22% do PIB total. O setor de carnes brasileiro, composto neste estudo por carnes suína, frango e bovina, foi responsável por 31% do PIB do agronegócio em 2017, encerrando o ano em R\$ 433 bilhões. Assim, o Brasil ainda se apresenta como o 4º maior produtor mundial de carne suína e o 2º de carnes de frango e bovina.

Apesar do recuo de 2016 em relação a 2015, as exportações da agropecuária brasileira se recuperaram e atingiram volume recorde em 2017, representando 44% das exportações totais, o equivalente a cerca de US\$ 96 bilhões dos US\$ 218 bilhões exportados pelo Brasil. O complexo da carne foi um dos grandes promotores desse resultado, como mostra o Gráfico 1, sendo responsável por 7% das exportações brasileiras, cerca de US\$ 15 bilhões, ocupando a 5ª colocação no quadro geral.

Gráfico 01

PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS DE PRODUTOS NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM 2017



Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio – MDIC (2018).¹

Para entender melhor a relevância desse setor é importante determinar o mapeamento da produção de carne no Brasil, para tal são utilizadas diferentes bases de dados com informações tanto a nível nacional quanto regional, e em alguns casos são evidenciados também dados estaduais. A partir disso, são apresentados dados de volume e valor da produção.

¹ Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/series-historicas>

Essa ressalva é importante, pois o setor de carnes brasileiro precisa ser apresentado e categorizado em cada um de seus segmentos, bovinos, suínos e frango, de maneira desagregada já que a produção, comercialização e a indústria apresentam os dados dessa forma. Além disso, a representatividade de cada um desses segmentos para o setor de carnes, a agropecuária e a economia em geral é bastante diferente.

1.2 SETOR DE CARNES NO PONTO INICIAL: EFETIVO DOS REBANHOS

No Brasil em 2016, o efetivo dos rebanhos apresentou 218 milhões de cabeças de bovinos, cerca de 40 milhões de suínos e 1,4 bilhões de frangos, como apresentam os dados da Pesquisa da Pecuária Municipal (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2018). A concentração dos rebanhos suíno e de frangos está no Sul do país, que detém 50% e 45% do efetivo, respectivamente, seguida pela região Sudeste com 17% e 27%, respectivamente. Para o efetivo bovino esse padrão se altera, a região responsável pelo maior rebanho é o Centro-Oeste com 34%, 75 milhões de cabeças, seguida pela região Norte com 22%, o que representa cerca de 48 milhões de cabeças. A Tabela 1 apresenta os dados de efetivo de cabeças por rebanho e por região, além de sua taxa de participação no total brasileiro.

Tabela 01
EFETIVO DOS REBANHOS (MILHÕES DE CABEÇAS) POR TIPO E PARTICIPAÇÃO
NO REBANHO PARA AS REGIÕES BRASILEIRAS EM 2016

DESCRIÇÃO	EFETIVO DOS REBANHOS					
	BOVINO		SUÍNO		FRANGO	
	CABEÇAS	%	CABEÇAS	%	CABEÇAS	%
NORTE	47,98	22	1,44	4	50,93	4
NORDESTE	28,47	13	5,83	15	156,26	12
SUDESTE	39,12	18	6,77	17	359,85	27
SUL	27,58	13	19,95	50	612,58	45
CENTRO-OESTE	75,07	34	5,96	15	172,67	13
BRASIL	218,23	100	39,95	100	1.352,29	100

Fonte: IBGE – Pesquisa da Pecuária Municipal (2018).²

Ao longo das últimas décadas o efetivo dos rebanhos tem apresentado expressiva taxa de crescimento tanto no Brasil quanto nas regiões brasileiras. O mais expressivo crescimento a nível Brasil é para o número de cabeças de galináceos que aumentou 86% entre 1996 e 2016, seguido de bovinos com 38% e suínos com 37%. A região Centro-Oeste apresentou a maior taxa de crescimento de suínos e frango para o período analisado, 150% e 263%, respectivamente. A região Norte mostrou-se a mais importante em relação ao crescimento do rebanho bovino com taxa de 167%.

Tabela 02

TAXA DE CRESCIMENTO DOS REBANHOS PARA AS REGIÕES BRASILEIRAS ENTRE 1996 E 2016

REGIÃO	BOVINO	SUÍNO	GALINÁCEO
NORTE	167%	-39%	70%
NORDESTE	19%	-18%	31%
SUDESTE	7%	40%	49%
SUL	4%	59%	112%
CENTRO-OESTE	41%	150%	263%
BRASIL	38%	37%	86%

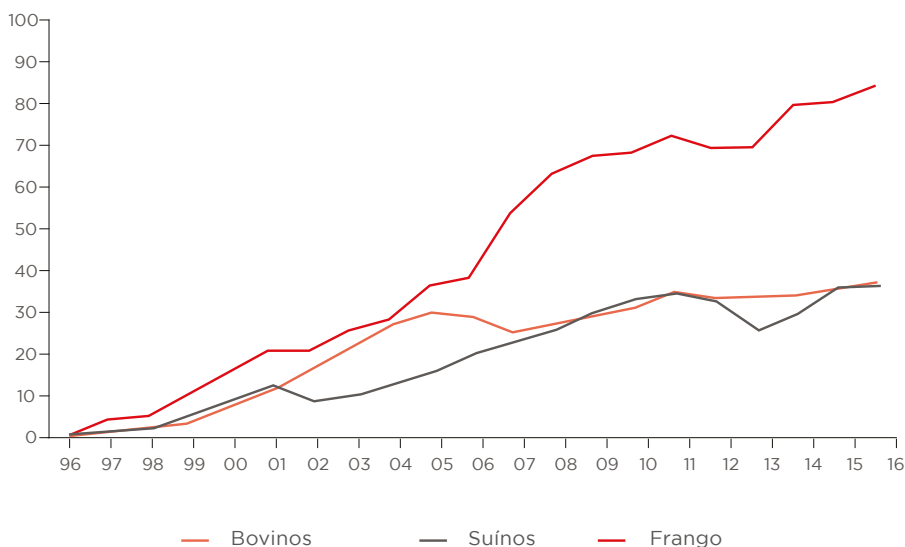
Fonte: IBGE – Pesquisa da Pecuária Municipal (2018).³

A evolução da taxa desse crescimento a nível Brasil é apresentada no Gráfico 2, onde é possível observar que o rebanho suíno saltou 37% entre 1996 e 2016 saindo de 29 milhões de cabeças para 40 milhões. Esse crescimento mostrou-se estável ao longo dos anos apresentando quedas nos anos 2002 e 2013, onde o tamanho foi de 32 e 37 milhões de cabeças, respectivamente. Em 2012, os principais insumos para a produção de suínos apresentaram aumento expressivo elevando os custos da produção e explicando a queda de cerca de 2 milhões de cabeças entre 2012 e 2013.

³ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm>

Gráfico 02

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADO DO EFETIVO DOS REBANHOS NO BRASIL ENTRE 1996 E 2016



Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal.⁴

O rebanho bovino, que em 1996 contava com cerca de 158 milhões de cabeças distribuídas pelo território brasileiro, cresceu 38% em 20 anos, atingindo 218 milhões de cabeças em 2016. O crescimento desse rebanho, assim como o de suínos, mostrou-se estável ao longo dos anos e atingiu um de seus picos em 2005, contando com 207 milhões de cabeças, um crescimento de 31% em relação a 1996. A partir de 2005, o tamanho desse rebanho apresentou queda nos dois anos subsequentes e voltou a sua trajetória de crescimento em 2008 e em 2010 conseguiu superar pela primeira vez os níveis de 2005, atingindo 210 milhões de cabeças, um aumento de 32%.

Em consonância com os rebanhos já citados, os galináceos também apresentam uma trajetória de crescimento ao longo dos anos, contando com 728 milhões de cabeças em 1996, chegando a 1,35 bilhão em 2016, crescimento de 86%. Em 2006, esse rebanho atingiu pela primeira vez a marca de 1 bilhão de cabeças, crescimento de 39% em relação à 1996. Já entre 2011 e 2012, o rebanho registrou sua primeira queda para o período observado, cerca de 23 milhões de cabeças, período em que a agropecuária brasileira foi afetada por uma estiagem que reduziu a produção agrícola destinada à produção de ração e farelo para alimentação animal.

4 Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm>

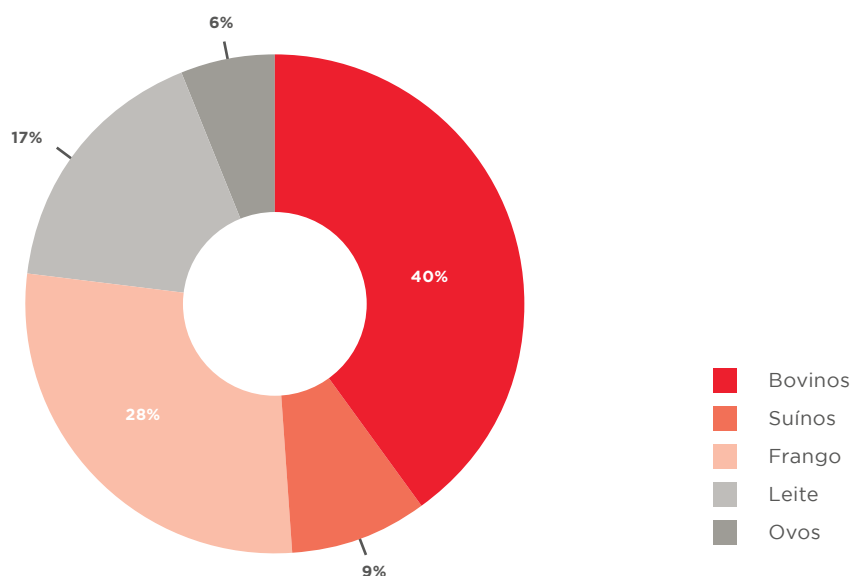
1.3 VALOR E VOLUME DA PRODUÇÃO

O Brasil conta com os maiores rebanhos de bovinos, suínos e aves para abate do mundo. Alguns fatores que contribuem com esses números são: extensão territorial, clima favorável e investimentos em pesquisa agrícola. O desenvolvimento de tecnologias para os produtores bem como para as agroindústrias do setor são convertidos em ganhos de produtividade. A distribuição da produção brasileira de carnes não apresenta uma distribuição uniforme ao longo das regiões e estados brasileiros. A seguir, são apresentados volume e valor da produção, que juntamente com os dados de rebanho compõe o mapa da produção agrícola de carnes no Brasil.

O Valor Bruto da Produção (VBP) brasileira fechou o ano de 2017 em cerca de R\$ 540 bilhões. A pecuária é responsável por 33% desse valor, cerca de R\$ 176 bilhões. A participação mais expressiva dentro da pecuária é a dos bovinos, que respondem por cerca de 40% do valor, aproximadamente R\$ 70 bilhões, como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 03

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO PECUÁRIA BRASILEIRA PARA O ANO DE 2017



Fonte: MAPA⁵ - Elaboração FGV.

⁵ Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/valor-bruto-da-producao-agropecuaria-vbp>

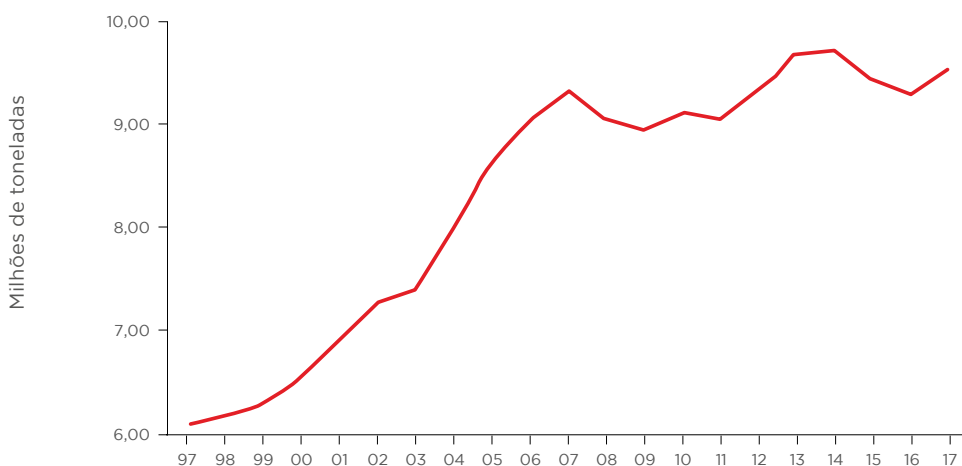
Quando consideramos bovinos, suínos e frango, o VBP desses segmentos é de 135 bilhões de reais, cerca de 25% do total do Brasil e 77% do total da pecuária, mostrando a relevância desse segmento dentro da produção nacional.

1.3.1 BOVINO

O Brasil, com a marca de 218 milhões de cabeças de gado, vem figurando entre os maiores rebanhos do mundo e segundo dados do *United States Department of Agriculture - USDA*⁶ (2018), em 2017 ocupou a segunda posição nesse *ranking*, atrás apenas da Índia. A produção mundial desse setor também é a segunda maior do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e apresentando uma taxa de crescimento entre 1997 e 2017 de 58%, como mostra o Gráfico 4. Na primeira década, entre 1997 e 2007 houve o expressivo aumento de 54%, saindo da marca de 6 milhões de toneladas e alcançando 9,3 milhões. Entre 2000 e 2005 houve a Encefalopatia Espongiforme Bovina na Europa, também conhecida como “mal da vaca louca”, durante esse período houve maior aceitação de carne bovina brasileira no mercado estrangeiro impulsionando a produção em 32% nesse período. A partir do ano 2000, o setor pecuarista observou aumentos sucessivos no preço da carne, motivo que também ajuda a explicar a taxa de crescimento observada.

Gráfico 04

CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CARNE BOVINA EM MILHÕES DE TONELADAS ENTRE 1997 E 2017



Fonte: USDA, 2018.⁷

⁶ Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

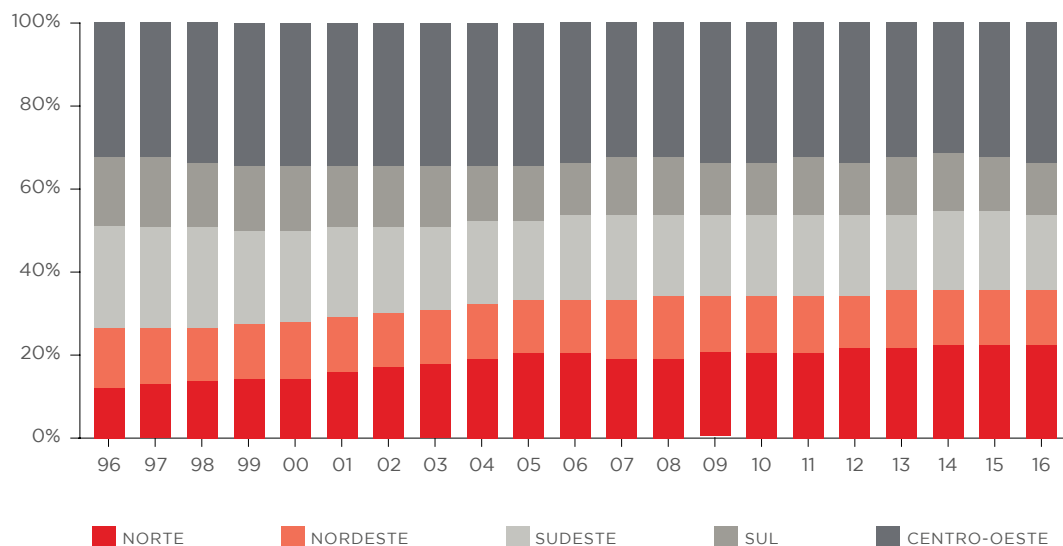
⁷ Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

A partir de 2007, o comportamento da produção manteve-se estável, chegando a 9,55 milhões de toneladas em 2017, um aumento de 2,7% no período. O recorde de produção se deu em 2014 com uma produção de 9,72 milhões de toneladas.

O crescimento da produção brasileira superou o crescimento do efetivo de rebanho bovino. Enquanto a produção cresceu 58%, o rebanho apresentou crescimento de 38%, indicando sucessivos ganhos de produtividade no setor. Como já mencionado, as regiões Centro-Oeste e Norte representam 56% do total de cabeças do rebanho. Contudo, esse nem sempre foi o padrão, a região Centro-Oeste, que entre 1996 e 2016 sempre foi responsável por cerca de 34% do total brasileiro, como mostra o Gráfico 5. Em 1996, esses 34% representavam cerca de 53 milhões de cabeças, já em 2016, a parcela passou a representar 75 milhões.

Gráfico 05

PARTICIPAÇÃO (%) DAS REGIÕES BRASILEIRAS NO EFETIVO DO REBANHO BOVINO NO PERÍODO DE 1996 A 2016



Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal.⁸

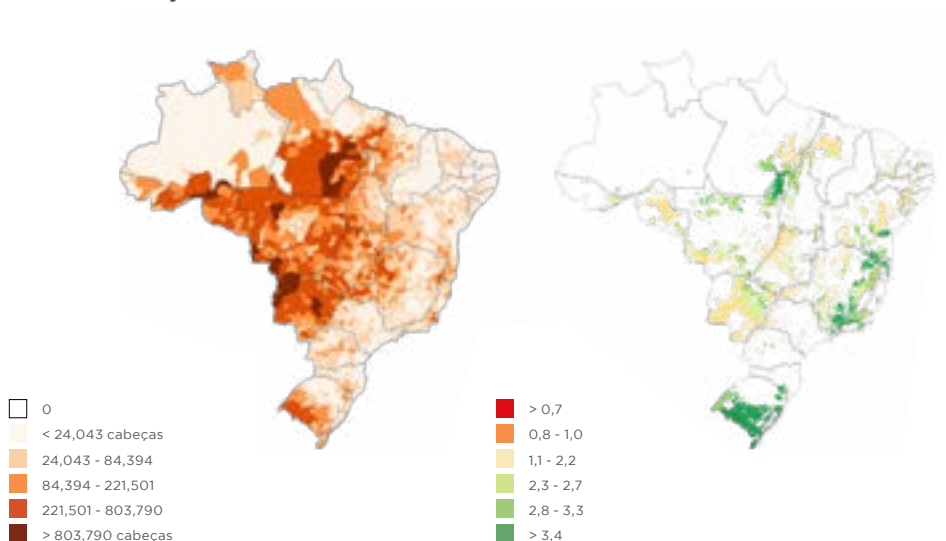
Em 1996, a região Sudeste era a detentora do segundo lugar, com 23% do rebanho, aproximadamente 37 milhões de cabeças. Ao longo dos anos, o número de cabeças do rebanho desta região aumentou para cerca de 39 milhões de cabeças, entretanto esse número

⁸ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>

corresponde à cerca de 18% do total, o que coloca a região como a detentora do terceiro maior rebanho brasileiro. A região Sul contava com 17% do total em 1996, ou seja, cerca de 26 milhões de cabeças, o rebanho dessa região atingiu o total de 28 milhões de cabeças em 2016, mas passou a representar 13% do total. A região Nordeste, que inicialmente foi detentora de cerca de 24 milhões de cabeças, 15% do total, em 2016, responsável por 13% ou 28 milhões de cabeças. O caso mais evidente é da região Norte, que em 1996 era responsável por 11% do rebanho bovino brasileiro, cerca de 18 milhões de cabeças, já em 2016 viu esse tamanho expandir 11 pontos percentuais, atingindo 22% do total, cerca de 48 milhões de cabeças.

O forte crescimento da pecuária no Norte teve início nas décadas de 70 e 80, com programas do governo federal para expansão da fronteira agrícola e ocupação da Amazônia. Além disso, em um cenário mais recente, a expansão foi motivada pelo preço baixo das terras e boa disponibilidade hídrica. Os estados responsáveis por esse crescimento são Rondônia e Pará. Apesar da região Norte apresentar uma boa taxa de expansão, na última década esse crescimento foi mais tímido, 2 pontos percentuais entre 2006 e 2016. A Figura 1 mostra a concentração do rebanho bovino em 2016 (esquerda) e também o potencial de intensificação da pecuária (direita).

Figura 01
CONCENTRAÇÃO DO EFETIVO DO REBANHO BRASILEIRO EM 2016 E POTENCIAL DE INTENSIFICAÇÃO DA PECUÁRIA BRASILEIRA



Fonte: Lapig⁹ – Elaboração FGV PPM, IBGE (2018).

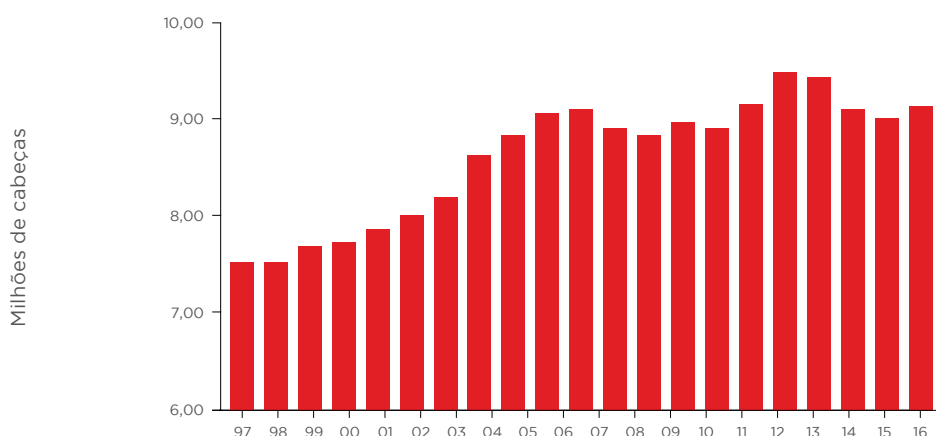
9 Disponível em: <http://maps.lapig.iesa.ufg.br>

O painel à direita na Figura 1 determina o potencial de intensificação da pecuária medido em unidade animal por hectare.¹⁰ Vale destacar que ainda há um grande espaço para a intensificação da pecuária no Brasil, pois historicamente a taxa de lotação da atividade é extremamente baixa, cerca de 1 unidade animal por hectare. O bioma Pampa, presente unicamente no estado do Rio Grande do Sul e com grande quantidade remanescente de pastagens naturais destaca-se com grande potencial de intensificação, seguido do estado de Minas Gerais e sudeste do estado do Pará. A intensificação da pecuária mostra-se como uma das peças chave para promover a expansão sustentável do setor, aumentando a competitividade da atividade e agregação de valor ao mesmo que promove a conservação de ecossistemas e da biodiversidade dos biomas onde a atividade está inserida.

Além disso, acompanhando o aumento no efetivo de bovinos, o abate no país apresentou crescimento acentuado entre 1997 e 2017, como mostra o Gráfico 6. Entre 1997 e 2007, o número de abates cresceu ano a ano, saltando de 15 milhões de cabeças abatidas para cerca de 31 milhões, aumento de 106%. Em detrimento da crise econômica mundial de 2008, com repercussão na Europa durante os anos seguintes, e que afetou diretamente o volume exportando pelo setor, houve uma variação negativa no número de animais abatidos entre 2008 e 2011. Além disso, com a divulgação de alguns casos de epizootias no rebanho, o setor enfrentou obstáculos e restrições temporárias impostas por alguns países à carne proveniente do Brasil.

Gráfico 06

EVOLUÇÃO DO ABATE DE BOVINOS NO BRASIL EM MILHÕES DE CABEÇAS ENTRE 1997 E 2017



Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.¹¹

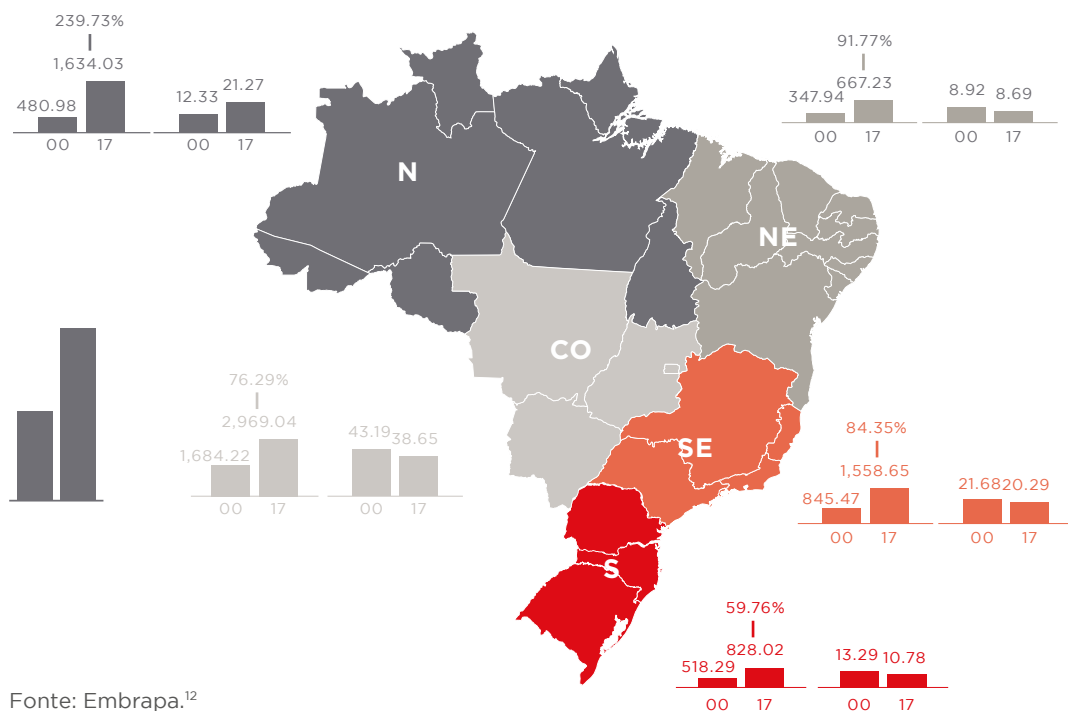
¹⁰ O potencial de intensificação é determinado pela diferença entre a capacidade de suporte potencial das pastagens e a taxa de lotação bovina.

¹¹ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>

Já em 2012, o setor voltou a crescer e em 2013 chegou ao número recorde de abates para o período analisado: 34,4 milhões de cabeças, uma taxa de crescimento de 131% em relação à 1997. Contudo, entre 2013 e 2016 houve uma retração na taxa de abate, chegando a 29,7 milhões de cabeças abatidas. Esse número pode ser explicado pela crise econômica que gerou redução da demanda interna por carne vermelha, que foi parcialmente substituída por carne branca que apresenta um menor custo por quilo para o consumidor. Em 2017, o número de cabeças abatidas cresceu cerca de 4% em relação ao ano anterior, chegando a 30,9 milhões.

O abate por região medido em toneladas, assim como a sua taxa de crescimento entre os anos 2000 e 2017, pode ser visualizado na Figura 2. Durante esse período o abate cresceu 96,97% no Brasil, atingindo quase 8 milhões de toneladas. Essa taxa foi majoritariamente impulsionada pelo crescimento de cerca de 240% na região Norte, atingindo mais de 1,6 milhões de toneladas.

Figura 02
EVOLUÇÃO DO ABATE DE BOVINOS NAS REGIÕES BRASILEIRAS EM MIL TONELADAS ENTRE 2000 E 2017



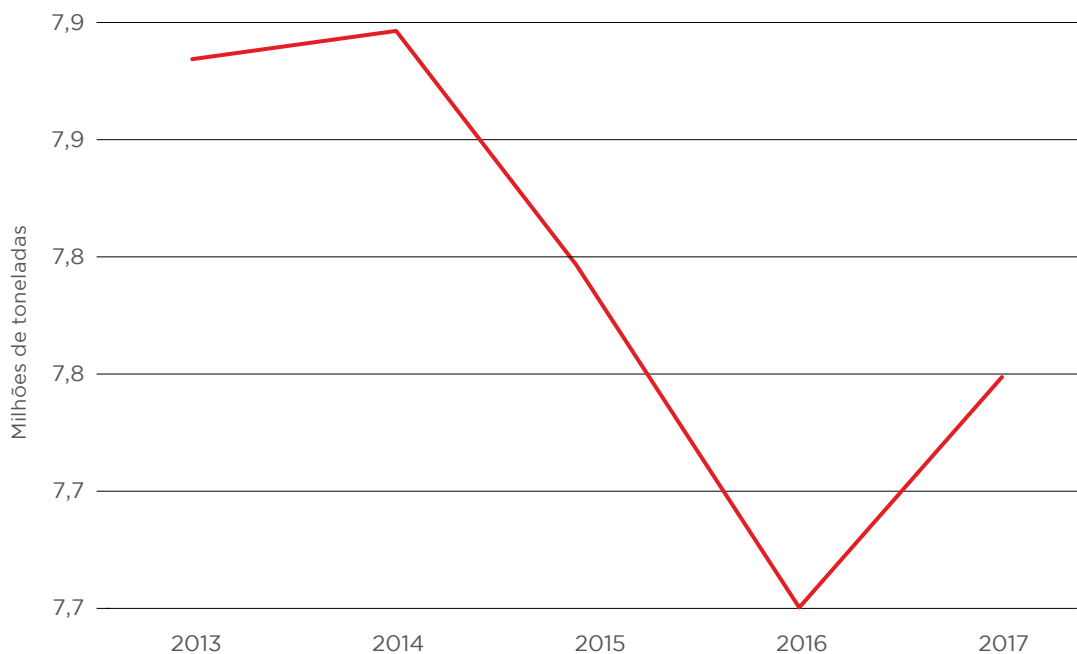
¹² Disponível em: <https://www.embrapa.br>

Apesar dos expressivos números da evolução da taxa de abate, ainda em março de 2017 o setor se deparou com a operação “Carne Fraca” deflagrada pela Polícia Federal afim de investigar a irregularidades em alguns frigoríficos brasileiros, colocando em xeque a qualidade da produção nacional. Os efeitos dessa operação, que ainda está em andamento, podem não ter sido completamente absorvidos pelo setor, ademais os dados de 2017, como mostra o Gráfico 6, apontam que o setor retornou ao mesmo patamar de abate de 2007, mas ainda está abaixo do nível recorde atingido em 2013.

A queda na demanda interna por carne vermelha se deu especificamente a partir de 2014. Em 2013, como mostra o Gráfico 7, o consumo interno era de cerca de 7,9 milhões de toneladas, mantendo estável em 2014 e a partir daí apresentando quedas até 2016, e não tendo retomado aos níveis de 2013 em 2017.

Gráfico 07

CONSUMO INTERNO DE CARNE BOVINA EM MILHÕES DE TONELADAS ENTRE 2013 E 2017



Fonte: USDA ¹³.

13 Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

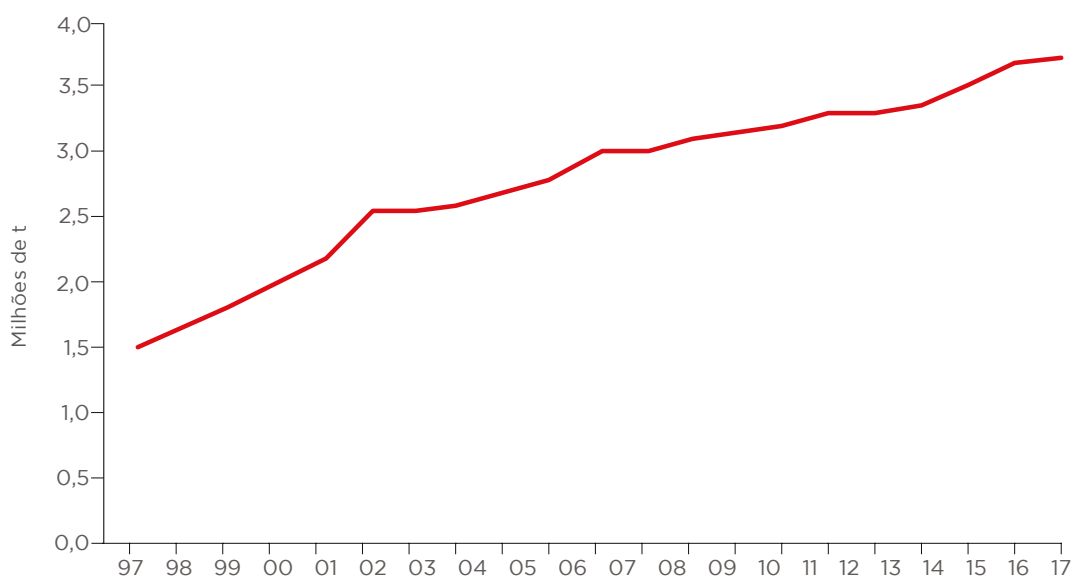
O Brasil é, portanto, um país que apresenta vantagens para a produção de carne, com disponibilidade de terras e condições climáticas favoráveis a diversos sistemas de produção.

1.3.2 SUÍNO

O Brasil, com a marca de 40 milhões de cabeças de suínos, é o quarto maior exportador mundial desse segmento, segundo dados do United States Department of Agriculture - USDA¹⁴ (2018), contando com a União Europeia em primeiro lugar, seguida dos Estados Unidos e Canadá. O setor também é o quarto maior produtor mundial, atrás da China, União Europeia e Estados Unidos. Nos últimos 20 anos a produção do setor vem crescendo, como mostra o Gráfico 8, e entre 1997 e 2017 viu sua produção saltar de 1,5 milhão de tonelada para 3,7 milhões, uma taxa de crescimento de 142%.

Gráfico 08

**CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CARNE SUÍNA
EM MILHÕES DE TONELADAS ENTRE 1997 E 2017**

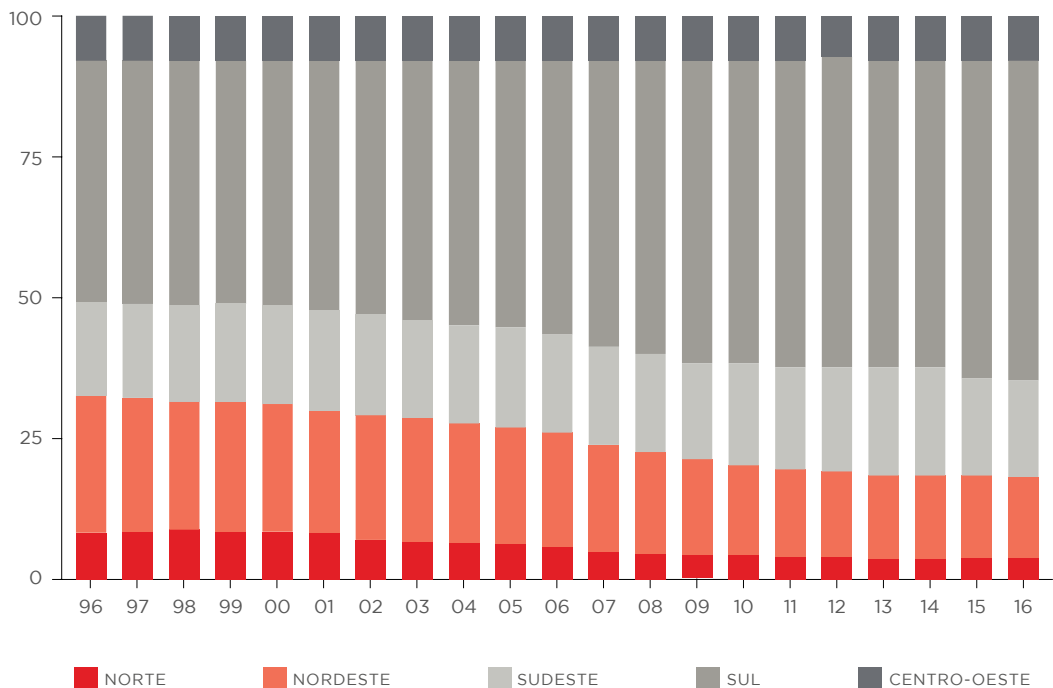


Fonte: USDA, 2018¹⁵.

¹⁴ Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

¹⁵ Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

A taxa de crescimento de 142% apresentada pela produção de carne suína superou muito o crescimento de 31% do rebanho no período, mostrando ganhos expressivos de produtividade no setor. Em 2016, como mostra o Gráfico 9, a região que conta com o maior rebanho suíno é a região Sul, detentora de cerca de 50% das cabeças desse segmento. Em 1996 essa região respondia por 43% do rebanho. As regiões Nordeste e Centro Oeste merecem destaque. Enquanto o Nordeste era responsável por cerca de 24% do rebanho em 1996 e em 2016 viu sua parcela diminuir para 15%, a região Centro Oeste foi na direção oposta. Em 1996 o Centro Oeste detinha cerca de 8% do rebanho brasileiro e em 20 anos viu seu tamanho dobrar, se tornando responsável por cerca de 15% do total.

Gráfico 09**PARTICIPAÇÃO (%) DAS REGIÕES BRASILEIRAS NO EFETIVO DO REBANHO SUÍNO NO PERÍODO DE 1996 A 2016**

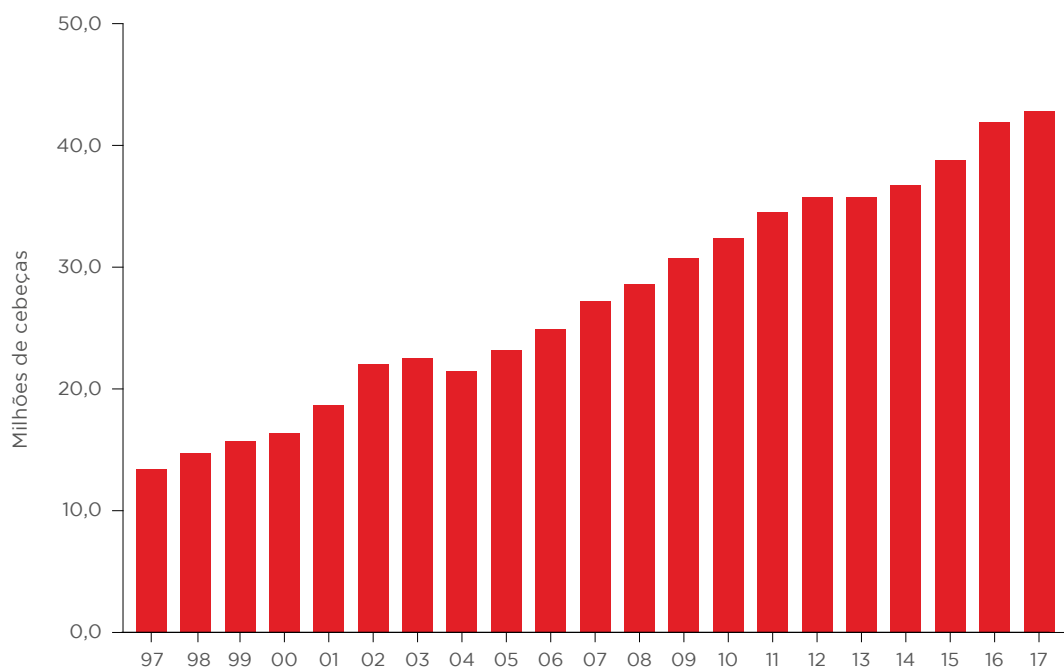
Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal¹⁶.

16 Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>

Acompanhando o crescimento da produção o abate também apresentou crescimento acentuado entre 1997 e 2017, como mostra o Gráfico 10. Para o período analisado o número de abates saltou de 13,6 milhões de cabeças em 1997 para 43,2 milhões em 2017, taxa de crescimento de 217%.

Gráfico 10

EVOLUÇÃO DO ABATE DE SUÍNOS NO BRASIL EM MILHÕES DE CABEÇAS ENTRE 1997 E 2017



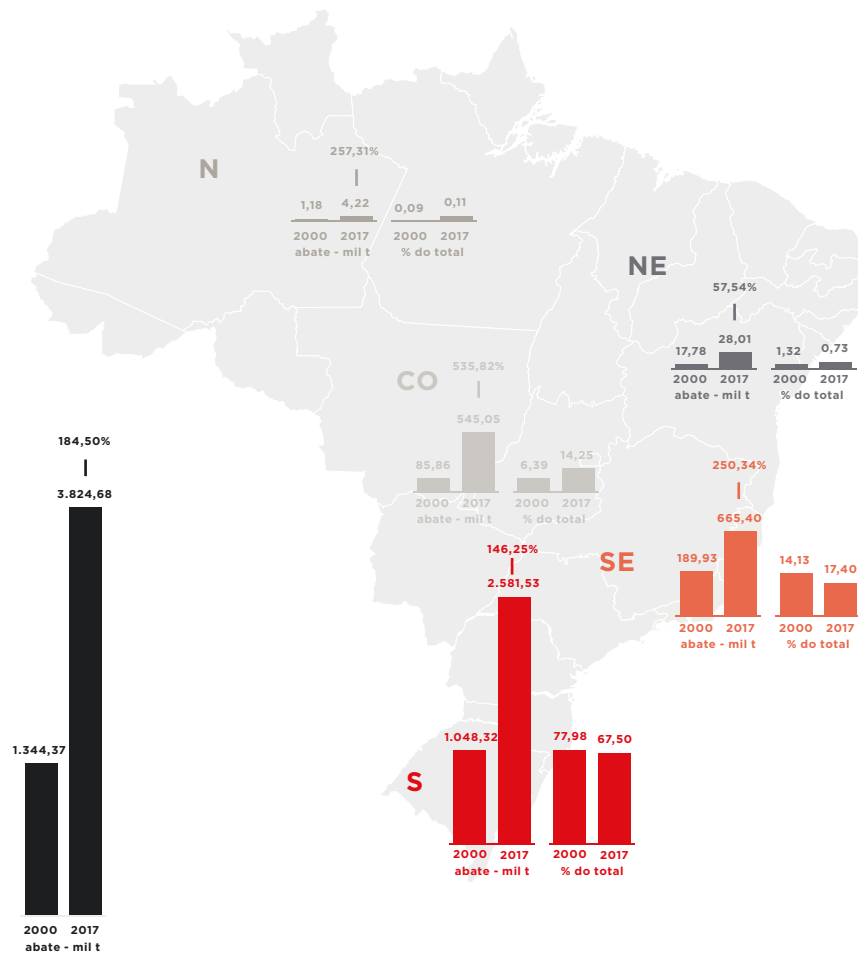
Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais¹⁷.

O abate por região, assim como a sua taxa de crescimento entre os anos 2000 e 2017, pode ser visto na Figura 3. Durante esse período o abate cresceu 184,5% no Brasil, atingindo quase 3,8 milhões e toneladas. Essa taxa foi majoritariamente impulsionada pelo crescimento de cerca de 146% na região Sul, atingindo mais de 2,5 milhões de toneladas de animal abatido.

¹⁷ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>

Figura 03

EVOLUÇÃO DO ABATE DE SUÍNOS NAS REGIÕES BRASILEIRAS EM MIL TONELADAS ENTRE 2000 E 2017

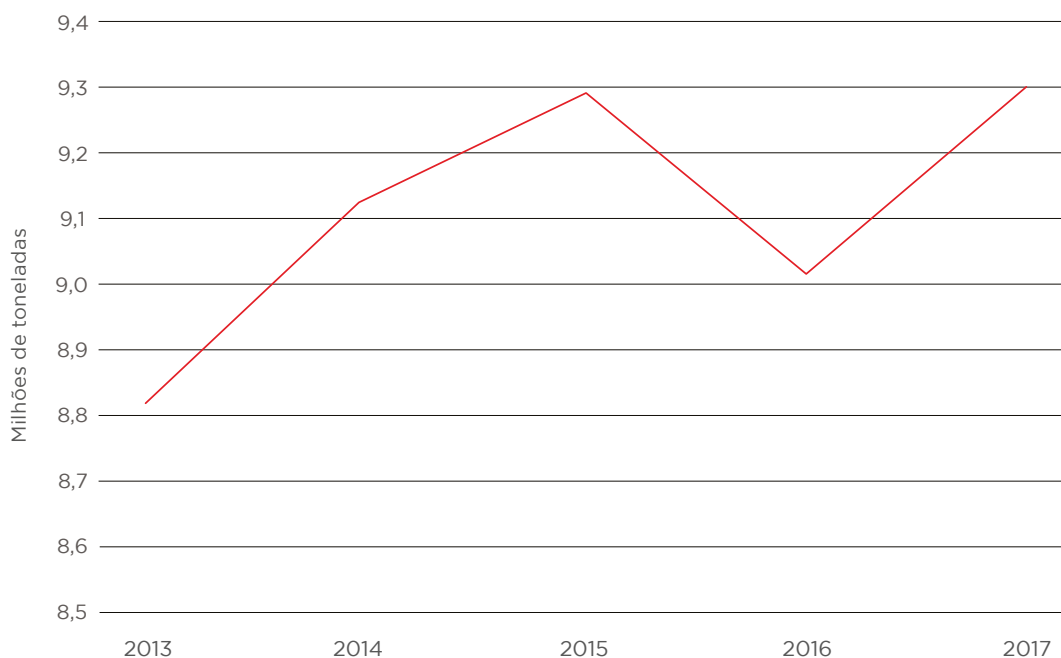


Fonte: Embrapa¹⁸.

18 Disponível em: <https://www.embrapa.br>

O consumo interno de carne suína saltou de 8,8 milhões de toneladas em 2013 para 9,3 milhões em 2015, crescimento de cerca de 5,5%. Já em 2016 o consumo caiu para 9 milhões de toneladas, o ano se mostrou difícil para a suinocultura brasileira, os custos de produção se elevaram com destaque para o milho, o que prejudicou fortemente o setor, principalmente no primeiro semestre de 2016. Além disso a crise econômica brasileira diminuiu o poder de compra do consumidor, enfraquecendo a demanda interna, que vinha crescente desde então. Esse movimento acompanha o consumo de carne bovina que também reduziu entre 2015 e 2016, saindo de cerca de 7,78 milhões de toneladas para 7,65 milhões.

Gráfico 11
CONSUMO INTERNO DE CARNE SUÍNA EM MILHÕES DE TONELADAS ENTRE 2013 E 2017



Fonte: USDA, 2018¹⁹.

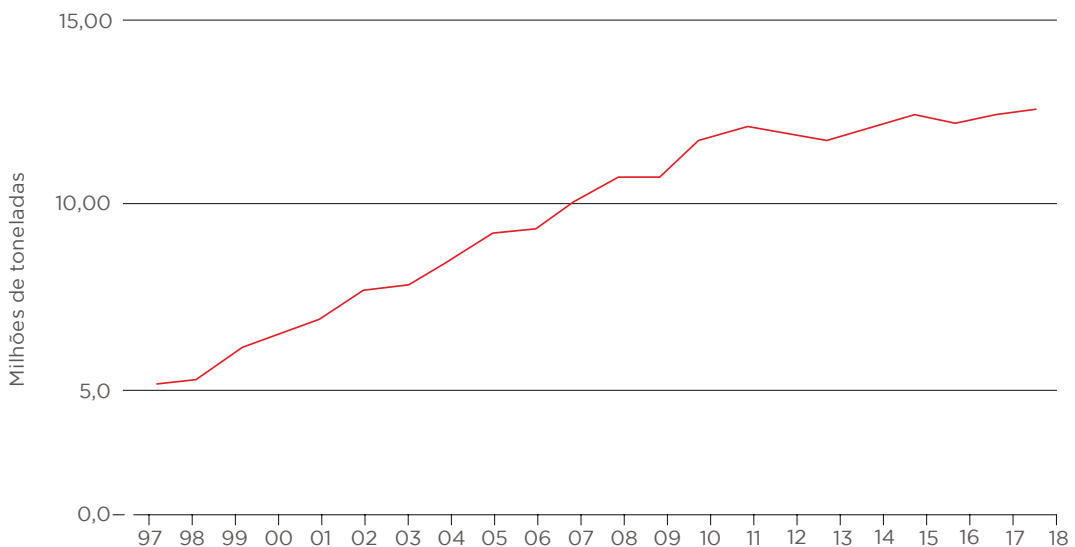
19 Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

1.3.3 FRANGO

A produção brasileira de frango, detendo cerca de 1,35 bilhão de cabeças figura hoje entre as principais do mundo. O setor conta com acesso a tecnologia para aumentar o bem-estar animal além de agregar qualidade e atingir ganhos de produtividade. Entre 1997 e 2017 a produção desse setor cresceu cerca de 200% saindo de uma produção de 4,5 milhões de toneladas para 13,4 milhões. Além disso a produção se manteve estável ao longo de todos esses anos percebendo pequenas quedas em 2012 e 2013, dado o aumento dos preços do milho e da soja que geraram impacto direto no setor. Em 2016 também foi possível perceber a queda que foi padrão para diversos setores brasileiros, dado a crise econômica que o país atravessou.

Gráfico 12

CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CARNE DE FRANGO EM MILHÕES DE TONELADAS ENTRE 1997 E 2017



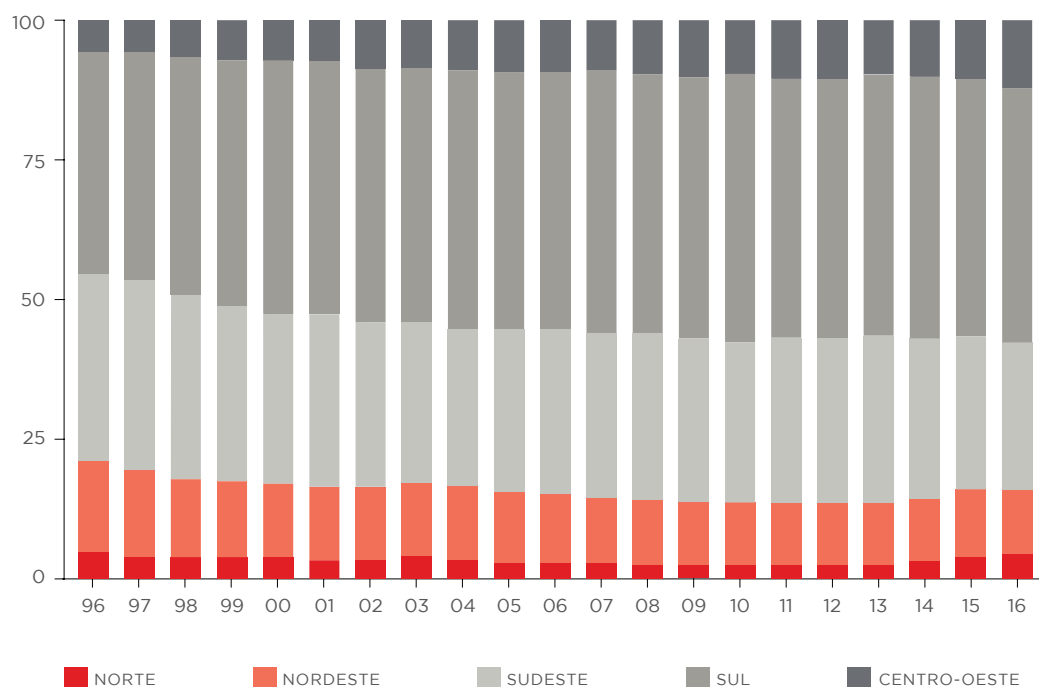
Fonte: USDA, 2018²⁰.

20 Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

As principais regiões responsáveis pelo rebanho nacional são Sul e Sudeste que juntas detêm 72% do efetivo brasileiro. A região Sul representa 45% do rebanho, já a região Nordeste conta com 12%. Em último lugar está a região Norte, com apenas 4% do total brasileiro. Uma das regiões que merecem destaque é o Centro Oeste, que inicialmente tinha uma participação de cerca de 7% desse rebanho e em 20 anos praticamente dobrou esse tamanho, atingindo cerca de 13% do total brasileiro.

A região Sudeste, apesar de se manter em segundo lugar, viu sua participação diminuir ao longo dos anos. Em 1996 detinha 33% do rebanho nacional e até 2016 houve uma perda de 6 pontos percentuais nessa participação, sendo responsável por 27% do total.

Gráfico 13

PARTICIPAÇÃO (%) DAS REGIÕES BRASILEIRAS NO EFETIVO DO REBANHO DE FRANGO

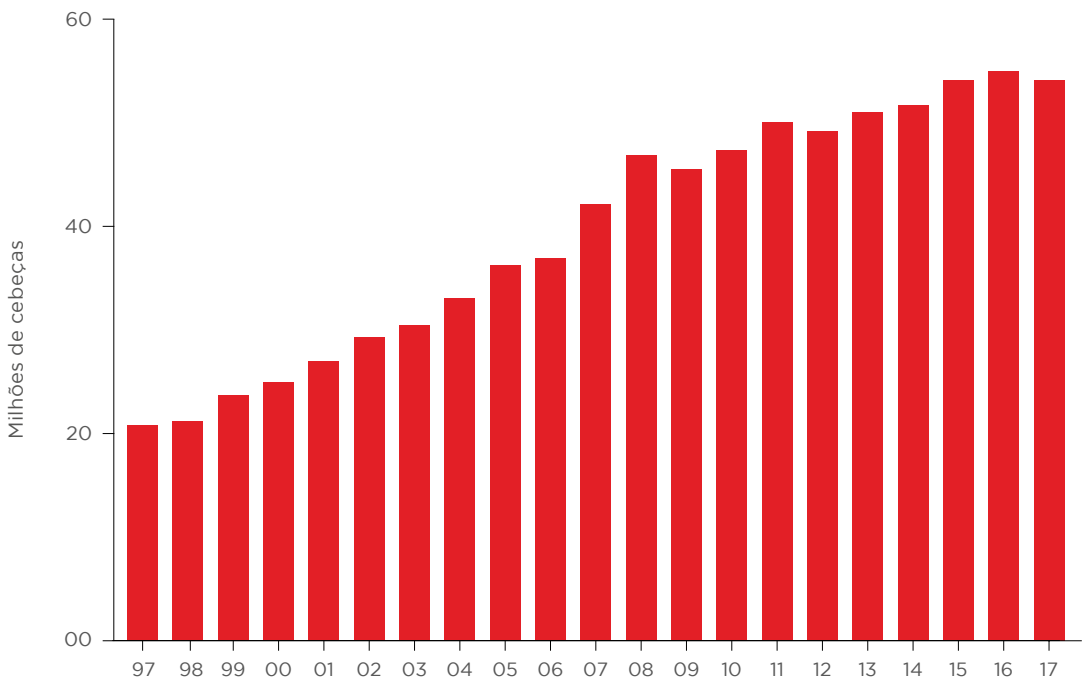
Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal²¹.

21 Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>

Enquanto o número de cabeças de frango cresceu cerca de 86% nas últimas duas décadas, o abate cresceu cerca de 167%, oscilando negativamente apenas em 2009, ano em que o setor foi afetado pela crise econômica mundial, em 2012 e em 2017. A queda de 2017 interrompe os últimos quatro anos de crescimento que o setor vinha percebendo. As principais quedas ocorreram no Mato Grosso, com uma variação negativa de aproximadamente 40,2 milhões de cabeças, seguido por Minas Gerais com 39,8 milhões, Distrito Federal com cerca de 13,7 milhões e Santa Catarina com 11,1 milhões.

Gráfico 14

EVOLUÇÃO DO ABATE DE FRANGOS NO BRASIL EM BILHÕES DE CABEÇAS ENTRE 1997 E 2017



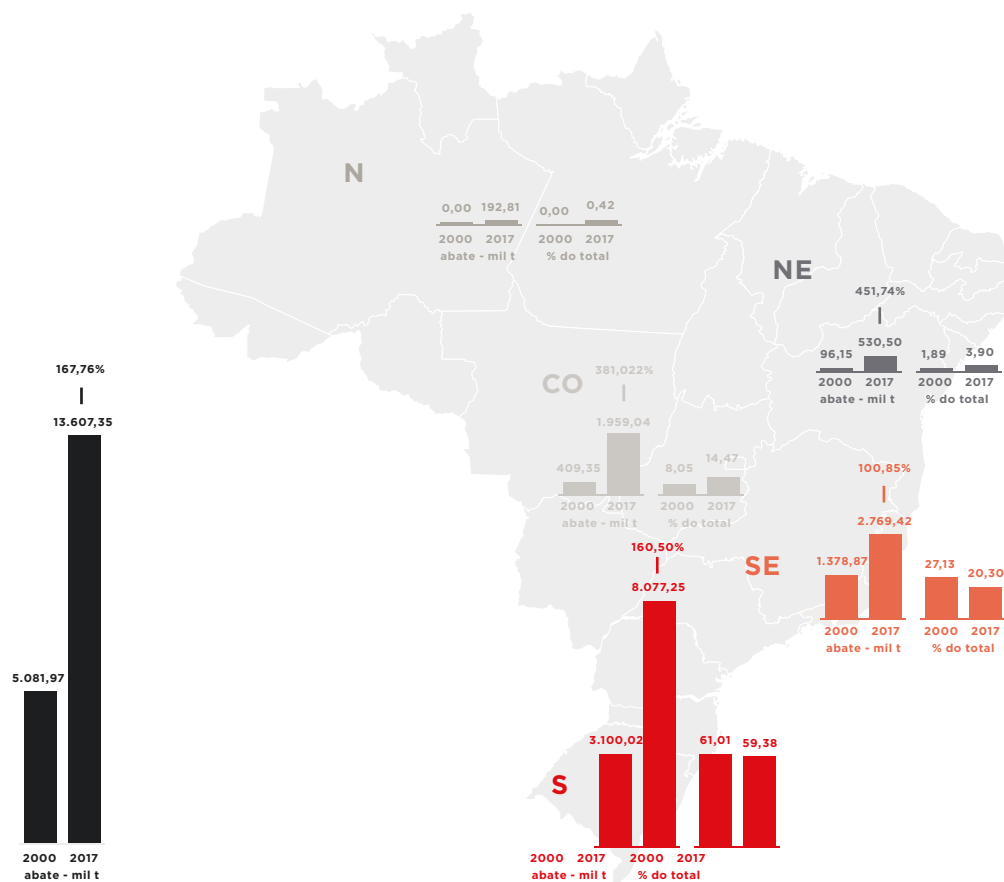
Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais²².

Entre 2000 e 2017 a taxa de abates cresceu 184,5%, impulsionada pelo crescimento de todas as regiões brasileiras, com destaque para a região Centro Oeste que registrou uma taxa de crescimento de 534% para o período, e a região Norte com 257%. A única região que cresceu abaixo da taxa nacional foi o Nordeste, com o acumulado de 57% entre 2000 e 2017.

²² Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>

Figura 04

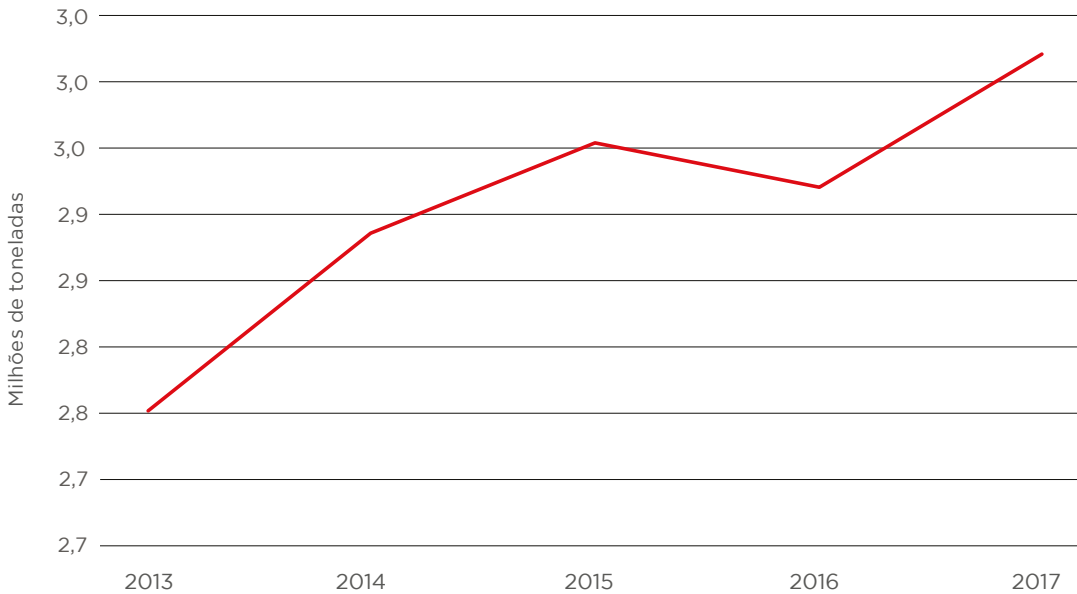
EVOLUÇÃO DO ABATE DE FRANGO NAS REGIÕES BRASILEIRAS EM MIL TONELADAS ENTRE 2000 E 2017

Fonte: Embrapa²³.

O consumo brasileiro de carne de frango acompanhou o movimento da crise, mesmo se mostrando como um substituto às carnes bovina e suína, que na média apresentam um menor preço final, houve uma pequena variação negativa de consumo de carne de frango no Brasil. Entre 2015 e 2016 houve queda de 1%. Mas assim como os outros segmentos do complexo da carne o setor recuperou essa queda e já apresenta crescimento para o ano de 2017.

Gráfico 15

CONSUMO INTERNO DE CARNE DE FRANGO EM MILHÕES DE TONELADAS ENTRE 2013 E 2017



Fonte: USDA²⁴.

Considerando também o consumo per capita de carne no Brasil, a carne de frango apresenta-se como a mais expressiva. Enquanto o brasileiro consome em média, em um ano, 14 kg de carne suína e 37 kg de carne bovina, o consumo de frango para o mesmo período é de 45 kg. Além da carne de frango se apresentar como uma proteína mais saudável, seu preço também é mais acessível em relação às outras duas categorias, impulsionando seu consumo per capita.

24 Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov>

CONSUMO BRASILEIRO DE CARNE PER CAPITA EM 2017, EM KG/HABITANTE/ANO



Portanto, em média, cada brasileiro consumiu 96 kg de carne em 2017.

Fonte: Embrapa²⁵.

1.4 PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE CARNES

A Pesquisa Industrial Anual Empresa (PIA – Empresa) disponibilizada pelo IBGE torna-se um ponto de partida para dimensionar o tamanho da indústria de carnes brasileira. No primeiro trimestre de 2018, participaram como informantes da Pesquisa Trimestral do Abate 1.100 frigoríficos abatedouros bovinos, 646 suínos e 280 de frangos.

Atualmente a maior empresa de produção de proteína animal no Brasil é a BRF com um portfólio com mais de 800 produtos, destacando-se Sadia, marca de alimentos mais valiosa do Brasil e Perdigão, que compõe em 80% das categorias do segmento de alimentos industrializados. As empresas BRF, JBS e Aurora controlam 50% de toda a carne de porco abatida no Brasil, enquanto BRF e JBS controlam 52% do abate brasileiro de frango e dois terços das exportações brasileiras de frango.

1.4.1 BOVINO

Dos 1.100 frigoríficos informantes da Pesquisa Trimestral de Abate do primeiro trimestre de 2018, 194 estão sob inspeção federal, 374 estadual e 542 municipal. Os frigoríficos sob inspeção sanitária federal, dispondo do Selo de Inspeção Federal (SIF), são habilitados

²⁵ <https://www.embrapa.br>

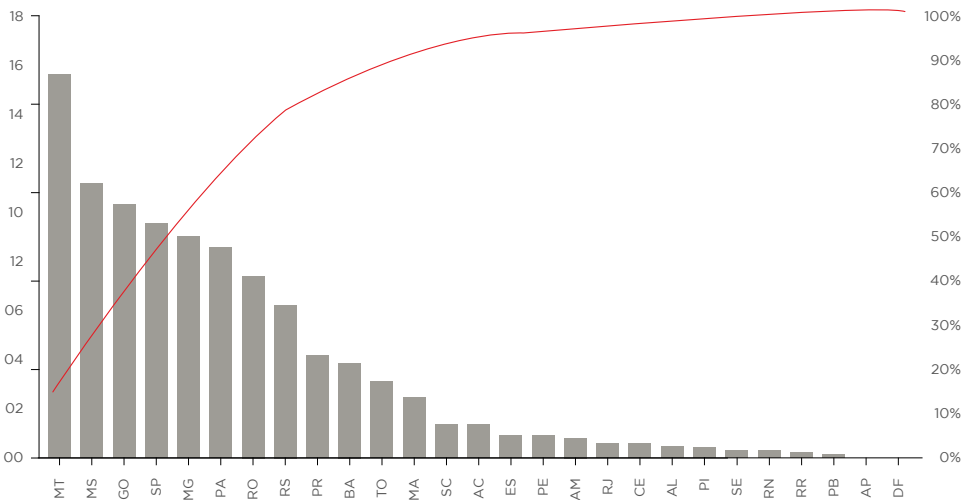
para atuar em todo o mercado nacional ou mesmo enviar para mercados estrangeiros e são responsáveis por 74% das cabeças abatidas no primeiro trimestre de 2018, cerca de 7,7 milhões e 77% da produção com 1,5 bilhão de toneladas de carne. Durante o ano de 2017 os frigoríficos federais também responderam por cerca de 74% do total de abates, cerca de 22,7 milhões de cabeças, e por 77% da produção com 5,9 bilhões de toneladas de carne.

Há também outros dois tipos de inspeção além do SIF, o Serviço de Inspeção Municipal (SIM) que permite o comércio da carne somente no território do município que se encontra o frigorífico e o Serviço de Inspeção Estadual (SIE), que permite o comércio apenas dentro dos limites do estado.

Independentemente do tipo de inspeção aos quais os frigoríficos brasileiros foram submetidos, os estados brasileiros que mais abateram cabeças de gado em 2017, como mostra o Gráfico 16, foram aqueles que formam o “Brasil Central Pecuário”²⁶. Mato Grosso liderou o ranking nacional de abates com 15,6% do total, cerca de 4,8 milhões de cabeças, seguido por Mato Grosso do Sul com 11,1% ou 3,4 milhões de cabeças, Goiás com 10,3%, 3,2 milhões e cabeças, São Paulo com 9,5%, 2,9 milhões e cabeças e Minas Gerais com 9%, cerca de 2,8 milhões de cabeças. Juntos esses estados respondem por pouco mais de 55% do total.

Gráfico 16

TAXA DE ABATE DE CABEÇAS DE GADO PELOS FRIGORÍFICOS DOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2017



Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate²⁷.

²⁶ Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo e Minas Gerais

²⁷ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>

Para dar continuidade ao processo produtivo, todos os animais que são encaminhados ao frigorífico são saudáveis. A partir daí o frigorífico compra a matéria-prima, separa os animais vivos por lote, realizam o abate e preparam diferentes partes para comercializar. O procedimento de desossa, ou “linha de desmontagem” separa os diferentes tipos de cortes de carne e os distribui para a indústria, agregando maior valor ao produto.

O valor da produção industrial de carne bovina e derivados em 2016 atingiu R\$ 88 milhões, carnes frescas e refrigeradas e congeladas respondem por 94% desse total, cerca de R\$ 83 milhões, a fabricação.

Tabela 03
VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE CARNE BOVINA E DERIVADOS EM 2016

PRODUTO	VALOR PRODUZIDO (R\$ BILHÕES)	PARTICIPAÇÃO (%)
CARNES CONGELADAS	17,48	19,81
CARNES FRESCAS OU REFRIGERADAS	65,57	74,33
MIUDEZAS COMESTÍVEIS FRESCAS, REFRIGERADAS OU CONGELADAS	1,45	1,64
PRODUTOS EMBUTIDOS OU DE SALAMARIA E OUTRAS PREPARAÇÕES	1,09	1,23
CARNES E MIUDEZAS COMESTÍVEIS, SECAS, SALGADAS OU DEFUMADAS	2,63	2,98
TOTAL	88,22	100

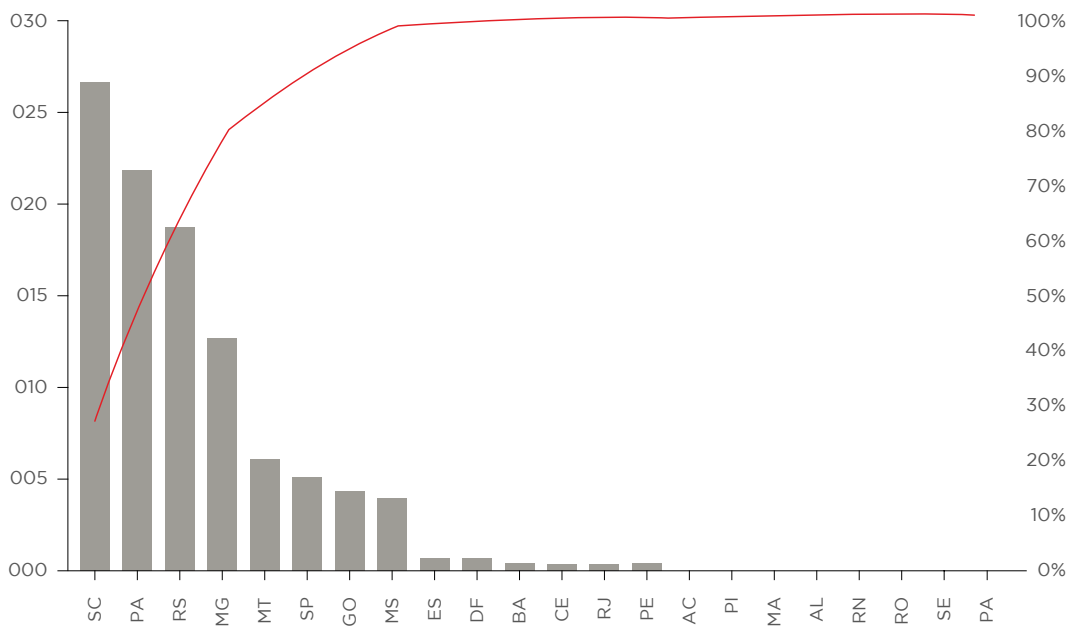
Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Anual - Produto²⁸.

1.4.2 SUÍNO

O Brasil, com dados do primeiro trimestre de 2018, conta com 646 frigoríficos de abate suíno, sendo 101 deles de inspeção federal, 228 de inspeção estadual e 317 municipal. A maior parte desses frigoríficos, 26,6%, ficam localizados no estado de Santa Catarina. O Paraná conta com 23,3% do total, seguido pelo Rio Grande do Sul com 18,6%. Portanto cerca de 67% dos frigoríficos de abate suíno ficam localizados na região Sul do país. O quarto estado nesse ranking é Minas Gerais, responsável por 12,6% do total. Esses quatro estados juntos respondem por cerca de 79% do total de abate no Brasil.

Gráfico 17

TAXA DE ABATE DE SUÍNO PELOS FRIGORÍFICOS DOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2017



Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais²⁹.

São produzidos no Brasil R\$ 30,2 milhões em produtos derivados da carne suína, como apresenta a Tabela 4. Os principais produtos são Produtos embutidos ou de salami e outras preparações de carnes de suínos (exceto pratos prontos), com participação de 35,19%, Carnes de suínos congelados, com de 34,7% e Carnes de suínos frescas ou refrigeradas com 20,34%. Juntos esses produtos respondem por 90,3% do valor industrial produzido.

²⁹ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>

Tabela 04

VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE CARNE SUÍNA E DERIVADOS EM 2016

PRODUTO	VALOR PRODUZIDO (R\$ MILHÕES)	PARTICIPAÇÃO (%)
PRODUTOS EMBUTIDOS OU DE SALAMARIA E OUTRAS PREPARAÇÕES DE CARNES DE SUÍNOS (EXCETO PRATOS PRONTOS)	10,49	35,19
CARNES DE SUÍNOS CONGELADAS	10,63	34,74
CARNES DE SUÍNOS FRESCAS OU REFRIGERADAS	6,14	20,34
CARNES E MIUDEZAS COMESTÍVEIS DE SUÍNOS, SECAS, SALGADAS OU DEFUMADAS	1,72	5,68
TOUCINHO, BANHA, SEBO E OUTRAS GORDURAS DE SUÍNOS, FUNDIDAS OU NÃO	1,00	3,30
MIUDEZAS COMESTÍVEIS DE SUÍNOS FRESCAS, REFRIGERADAS OU CONGELADAS	0,23	0,76
TOTAL	0,20	100

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Anual - Produto³⁰.

1.4.3 FRANGO

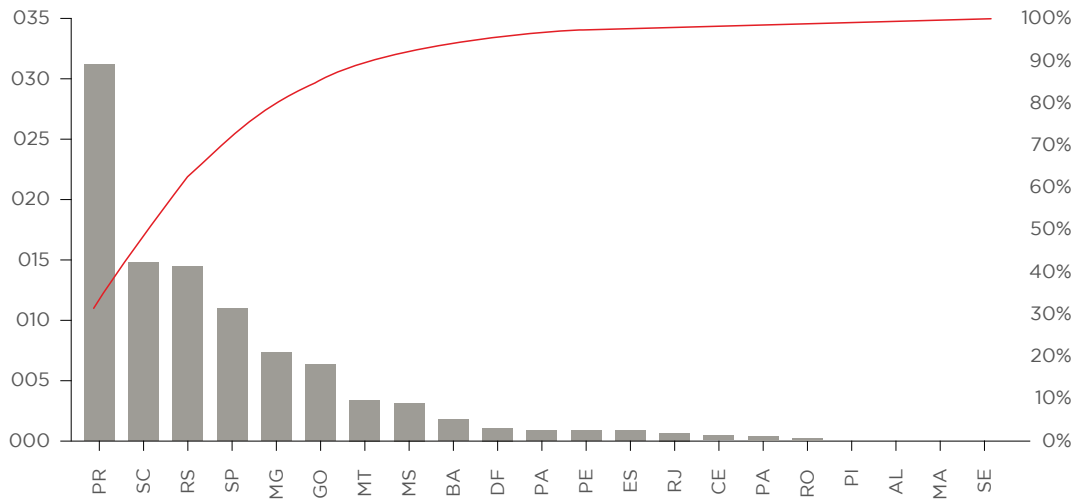
A indústria de frango no Brasil apresenta uma relação integrada entre frigoríficos e criadores, através de um “sistema de integração” onde os frigoríficos adiantam pintinhos, rações e remédios para produtores rurais. Assim é estabelecido um contrato em que esses produtores se comprometem a comercializar os frangos prontos para o abate exclusivamente com a empresa que forneceu essa matéria-prima. Além disso a indústria ainda fornece assistência técnica e não só compram como mandam buscar o frango na propriedade dos integrados. Descontados os custos de produção, o agricultor é finalmente remunerado pela indústria.

No Brasil, durante o primeiro trimestre de 2018, foram 280 frigoríficos responsáveis pelo abate de frangos, 48% deles com inspeção federal, 33% contam com inspeção estadual e 20% com inspeção municipal. Além disso o Paraná responde por 32% dos abates de frango brasileiro, seguido de Santa Catarina com 14,7%, Rio Grande do Sul com 14,5% e São Paulo com 11%. Juntos esses quatro estados respondem por 72% do abate de frangos brasileiro.

30 Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>

Gráfico 18

TAXA DE ABATE DE FRANGO PELOS FRIGORÍFICOS DOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2017



Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais³¹.

Tabela 05

VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE CARNE DE FRANGO E DERIVADOS EM 2016

PRODUTO	VALOR PRODUZIDO (R\$ BILHÕES)	PARTICIPAÇÃO (%)
CARNES E MIUDEZAS DE AVES CONGELADAS	43,86	77,43
CARNES E MIUDEZAS DE AVES, FRESCAS OU REFRIGERADAS	7,33	12,93
PRODUTOS EMBUTIDOS OU DE SALAMARIA E OUTRAS PREPARAÇÕES DE CARNES DE AVES OU DE PEQUENOS ANIMAIS (EXCETO PRATOS PRONTOS)	5,46	9,63
TOTAL	56,64	100

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Anual - Produto³²

31 Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>

32 Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>



.GREVE DOS CAMINHONEIROS E O SETOR DE CARNES

O mês de maio de 2018 no Brasil foi marcado pelo movimento de greve dos caminhoneiros. Mesmo que de forma descentralizada, o movimento atingiu diversos pontos do país com o bloqueio de estradas e impedimento do transporte de insumos e produtos. O setor agropecuário, extremamente dependente do modal rodoviário de transportes, se viu vulnerável aos efeitos dessa crise sendo um dos mais afetados.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), prevê queda de 1% no PIB da agropecuária, apesar de o setor ter avançado 2,6% em junho, esse resultado não foi suficiente para evitar a queda de 1,9% no primeiro trimestre. A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) estima que a paralisação gerou impactos totais de R\$ 3.150 bilhões ao setor produtor e exportador de aves, suínos, ovos e material genético. De acordo com a ABPA, 64 milhões de aves adultas e pintinhos morreram pela falta de ração. A justificativa é que os produtores não trabalham com grandes estoques de ração, sendo abastecidos, em média, a cada três/cinco dias.

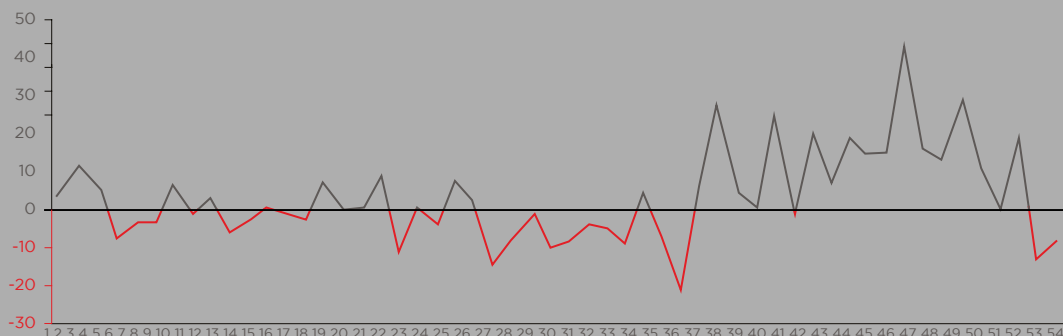
Como a greve ocorreu no final da safra do capim, antes do período de seca, quando o setor normalmente se programa para vender o boi gordo e comprar animais de reposição. Durante duas semanas os animais não puderam ser enviados para o abate porque os frigoríficos estavam sem movimentação de compra e venda. Para o produtor, o custo de manter o gado também é alto. A suplementação, confinamento ou semi-confinamento precisou ser mantida até a regularização dos frigoríficos, que precisaram trabalhar com escala de abate alongada.

Ainda têm sido feitas previsões, levantamento de dados e análises de impacto da greve dos caminhoneiros, acontecimento que ainda é relativamente incerto nos mais diversos segmentos da agropecuária brasileira. Espera-se que a pecuária recue 2,5% em 2018, além disso há todo o período que o produtor leva um tempo para conseguir retomar o nível anterior de produção. Para elucidar esta discussão, o Gráfico 19 a seguir mostra a variação mensal do índice de produção industrial de laticínios de janeiro de 2013 a junho de 2018, e é possível observar a variação negativa em maio, mês da greve dos caminhoneiros.

Gráfico 19

VARIAÇÃO DO ÍNDICE DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE CARNES

Base: mesmo mês ano anterior = 100



Fonte: PIM IBGE (2018)³³.

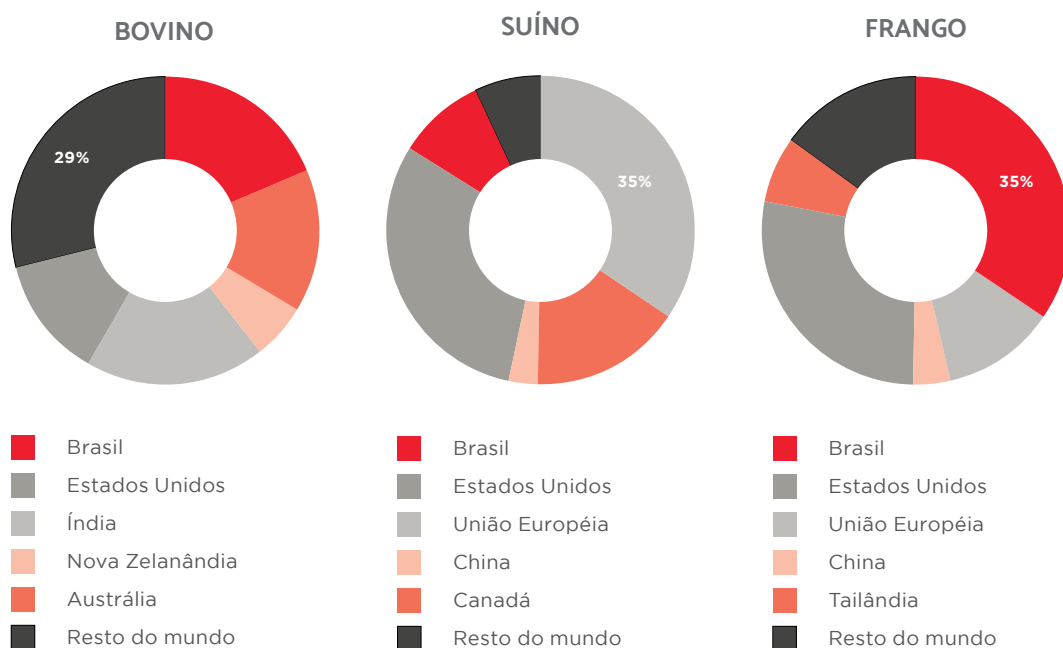
É importante ressaltar que o índice apresentado no Gráfico 19 faz sempre referência ao mesmo mês do ano anterior. Assim, pode-se perceber que em boa parte dos meses de 2014 a variação mensal do índice foi negativa, o que quer dizer que em comparação a 2013 a produção de carnes estava em retração. A situação agrava-se no ano de 2015 e, não obstante à pequena melhora no segundo semestre de 2015, o índice despenca em 2016 seguindo o movimento de recessão de toda a economia brasileira. O impacto da greve dos caminhoneiros é evidenciado pelo resultado de maio de 2018 que mostra uma queda no índice de 13,2% em relação ao mesmo período do ano anterior (que foi positivo, veja maio de 2017). Os resultados definitivos ainda virão durante os próximos meses, mas já começaram a ser sentidos por todo o setor agrícola e de pecuária, portanto é possível inferir que a vulnerabilidade logística e dependência de um único modal representam um dos pontos frágeis dessa cadeia.

33 <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-brasil>

2. BALANÇA COMERCIAL DO SETOR DE CARNES BRASILEIRO

O Brasil, além de se mostrar grande produtor de carnes, é também bastante expressivo no mercado externo desse segmento. Mundialmente ocupa as primeiras posições em exportação de carne bovina e de frango e é o quarto maior exportador de carne suína, como mostra o Gráfico 20.

Gráfico 20
MAIORES PAÍSES EXPORTADORES DE CARNES EM 2017



Fonte: USDA¹.

O Brasil é responsável por 19% das exportações totais de carne bovina, 9% de suína e 35% de frango. A União Europeia ocupa o primeiro lugar nas exportações de suínos, seguida pelos Estados Unidos e Canadá.

¹ <https://apps.fas.usda.gov>

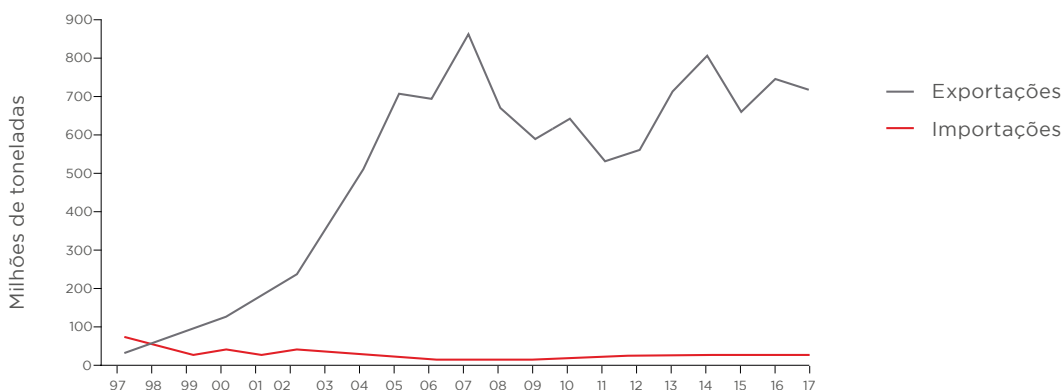
O comércio exterior brasileiro viu suas políticas sofrerem relevantes modificações na década de 90, onde se teve início um processo de abertura comercial que afetou direta e indiretamente vários setores da economia nacional. Nesse período se consolidaram acordos econômicos entre blocos e países. Além da abertura comercial o câmbio ainda teve influência sobre as exportações de carnes brasileiras, tornando essa cadeia mais competitiva, com desvalorização da moeda brasileira o que impulsionou as exportações do agronegócio. Entretanto, durante a sobrevalorização da moeda durante o Plano Real houve menor rentabilidade na exportação desses produtos.

Internamente foi possível observar uma competição mais acirrada no mercado de carnes com aumento na produção e consumo de frangos e suínos. Frente a este quadro os pecuaristas deram início a um processo de ganhos produtivos com intuito de competir externamente.

2.4.3 BOVINO

Entre 1997 e 1998 o Brasil se viu passar da categoria de importador para a de exportador de carne bovina e desde então manteve-se nessa posição. Em 1997 o Brasil exportou cerca de 31 milhões de toneladas de carne bovina, como mostra o Gráfico 21, enquanto importou cerca de 69 milhões, fechando com o déficit da balança comercial desse setor. Entre 1997 e 1998 os maiores exportadores de carne bovina eram Austrália, EUA, União Europeia e Nova Zelândia, o Brasil ocupava apenas a sétima posição nesse ranking.

Gráfico 21
EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA, EM MILHÕES DE TONELADAS, ENTRE 1997 E 2017



Fonte: Comex Stat (2018)².

² Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

Entre 1997 e 2002 as exportações brasileiras saltaram mais de 600%, de 31 milhões de toneladas para 233 milhões, fazendo com que o Brasil alcançasse nessa época a quarta posição no ranking de exportadores de carne bovina e em 2005, com 696 milhões de toneladas exportadas o Brasil se tornou o líder mundial desse segmento.

A crise de “vaca louca” enfrentada pela União Europeia desde 1996, agravada em 2001; focos de febre aftosa no rebanho Argentino em 2000; e a grave seca que afetou a Austrália no final de 2002 e 2003 além da valorização do dólar australiano estão entre os fatores externos que contribuíram para a ascensão brasileira. Além disso, desde 1992 o Brasil já implantava o Programa Nacional de Febre Aftosa (PNFA), com intuito de ampliar as zonas livres de febre aftosa e que foi ganhando força ao longo dos anos. Em 2005 as empresas brasileiras exportadoras de carne bovina também utilizaram como estratégia o processo de internacionalização para aumentar o acesso a mercados como Estados Unidos e União Europeia.

Em 2007 a exportação brasileira já havia atingido 847 milhões de toneladas, maior volume durante o período analisado, mas pela primeira vez perderam o fôlego e caíram para 665 milhões de toneladas em 2008. Essa variação pode ser explicada pelo embargo temporária da carne bovina in natura pela União Europeia, devido à falta de rastreabilidade dos animais. Em 2009 o país enfrentou mais um ano de queda em suas vendas, reforçado pela crise econômica que assolou o mundo. As quedas nas exportações brasileiras mantiveram-se até 2011, onde atingiram 528 milhões de toneladas, mesmo patamares vistos em 2004. Entretanto a partir de 2011 as exportações voltaram a crescer e atingiram 800 milhões de toneladas em 2014. Em 2015, por problemas econômicos na Rússia, um dos principais mercados compradores do Brasil, o volume exportado caiu novamente e atingiu 651 milhões de toneladas, mas voltou a crescer em 2016 atingindo 738 milhões.

Em 2017 uma questão interna afetou as exportações do setor, a Operação Carne Fraca. No comparativo mensal de resultados, entre março, mês em que foi deflagrada a Operação Carne Fraca, e abril, a queda do faturamento com as exportações foi de 25%, mas o setor apresentou solidez e a queda no volume total foi de pouco menos de 4%, chegando a um volume de 710 milhões de toneladas exportadas neste ano.

Para o ano de 2018, até o mês de julho, já foram exportadas 768 milhões de toneladas de carne bovina. Com esse volume o Brasil já ultrapassou a marca de 3 bilhões de reais em exportação de carne bovina. Portanto as exportações brasileiras já exportaram 58 milhões de toneladas além de 2017 e o setor se mostra bastante robusto, mesmo tendo passado por problema como a Operação Carne Fraca.

A exportação total de carne bovina bateu recorde em julho, com crescimento de 24% em comparação com igual mês de 2017. O câmbio competitivo para as exportações, a

demanda do mercado internacional forte e a alta disponibilidade de carne no mercado interno são fatores que impulsionam esses aumentos, criando a expectativa de que não só julho, mas todo o ano de 2018 seja composto por recordes para a exportação de carne bovina brasileira. Parte de todo esse aumento é impulsionado pelo crescimento das vendas em mercados como China, Egito e Chile que até a metade de 2018 já superaram suas demandas de carne quando comparado ao ano de 2017. Além disso o comércio global de carne bovina deve crescer como um todo, impulsionado principalmente pelas demandas da China e de Hong Kong, que são atualmente os maiores compradores brasileiros, como mostra a Tabela 6.

Todo o volume de carne bovina brasileiro foi exportado para 89 países em 2017 e já atingiu 92 em 2018. Em 2017 o Brasil exportou cerca de US\$ 2,8 bilhões em carne bovina, o equivalente a 710 milhões de toneladas. Os principais importadores foram Hong Kong, China, Rússia e Irã, responsáveis por 60% do volume exportado por esse setor, cerca de 429 milhões de toneladas. Em 2018 o setor já bateu a marca de 2017, exportando US\$ 3,04 bilhões e 768 milhões de toneladas.

Os principais compradores da carne brasileira são Hong Kong, China, Chile e Egito, com 53% do volume total, cerca de 408 milhões de toneladas.

Tabela 06

VOLUME DE CARNE BOVINA EXPORTADA PELO BRASIL, EM MILHÕES TONELADAS, PARA OS ANOS DE 2017 E 2018

REGIÃO	2017		2018*		
	VOLUME	%	VOLUME	%	
HONG KONG	171	24	HONG KONG	165	21
CHINA	110	15	CHINA	123	16
RÚSSIA	86	12	CHILE	69	9
IRÃ	63	9	EGITO	51	7
RESTO DO MUNDO	281	40	RESTO DO MUNDO	360	47
TOTAL	710	100		768	100

Fonte: Comex Stat (2018)³.

3 Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

Considerando apenas o primeiro trimestre de 2018, as exportações representaram 50% do total comercializado até o mês de julho, cerca de 385 milhões de toneladas. No segundo trimestre é necessário considerar um novo marco em termos de perspectiva para o setor de carnes: a greve dos caminhoneiros. Com a paralisação o fornecimento de insumos para a produção e o transporte do setor foram comprometidos, o volume de exportações foi reduzido para 238 milhões de toneladas, cerca de 31% do total. Já em julho o setor retomou seu fôlego e as exportações desse mês foram as maiores registradas em 2018, representando 19% do total com volume de 675 milhões de toneladas.

A pauta de exportação de carne bovina brasileira nos últimos anos foi composta basicamente por 14 diferenciações de produtos (descritos no Anexo 1) categorizados pela Nomenclatura Comum do Mercosul (Código NCM), que responderam em 2017 e 2018 por 100% dos produtos exportados pelo setor.

Pela ótica da demanda o Brasil tem importado, majoritariamente, do Paraguai, Argentina, Uruguai e Austrália. Para os últimos 10 anos esses países foram responsáveis por pelo menos 97% das importações brasileiras, em muitos anos responderam por 100%.

O primeiro semestre de 2018 percebeu movimentações semelhantes ao mesmo período de 2017 em relação ao movimento de preços do boi gordo. Considerando como base os valores médios mensais do Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa⁴ (estado de São Paulo), deflacionados pelo IGP-DI de maio/18, verificou-se quedas consecutivas desde o início de 2018.

Em maio de 2018, o mercado de boi gordo registrou ritmo fraco nas primeiras semanas de maio, e se viu travado na segunda quinzena do mês, diante da greve dos caminhoneiros. A média do Indicador do boi ESALQ/BM&FBovespa foi de R\$ 140,59, o menor patamar, em termos reais, desde agosto de 2017. Em junho, o acumulado registrou queda de 1,83%, e fechou a R\$ 139,40. Para julho o acumulado do mês apresentou alta de 1,7% e fechou a R\$ 141,70. Ainda que seja uma pequena elevação, é a maior verificada até agora para 2018.

Tomando-se como base os valores médios mensais do Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa (estado de São Paulo), deflacionados pelo IGP-DI de maio/18, é possível verificar quedas consecutivas desde o início de 2018. Portanto, no acumulado do primeiro semestre, o Indicador registrou baixa de 9,23%. Em 2017 essa foi a mesma tendência observada, quando a queda acumulada de janeiro a junho foi de 11,55%. Para os anos anteriores, o movimento foi diferente, com alta de 0,62% na primeira metade de 2016, queda de 2,2% para 2015 e elevação de 5,65% em 2014.

4 Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/>

Em 2017, a operação “Carne Fraca”, a delação da maior indústria frigorífica brasileira (que resultou em forte redução da compra de animais por parte desse grande player) e a retomada do desconto de Funrural desfavoreceram os negócios feitos pelos pecuaristas de engorda. Já em 2018, desde janeiro, o que se verificou foi um fraco ritmo de negócios, com frigoríficos adquirindo lotes apenas quando houve maior necessidade.

Além disso, as exportações registraram bom desempenho no primeiro trimestre do ano, e diminuíram fortemente a partir de abril, com isso o volume de carne disponível no mercado interno aumentou e o preço da arroba caiu, já que o mercado interno não conseguiu absorver todo o volume. Somado a esse cenário a produtividade da pecuária brasileira tem crescido nos últimos anos, cenário que eleva a disponibilidade de carne.

As principais categorias de produtos comercializadas externamente, conforme Tabela 7, são as carnes desossadas congeladas, que compuseram tanto em 2017 quanto em 2018 mais de 75% do volume exportado pelo Brasil.

Tabela 07

VOLUME DE CARNE BOVINA POR CATEGORIA EXPORTADA PELO BRASIL, EM MILHÕES DE TONELADAS, PARA OS ANOS DE 2017 E 2018

DESCRIÇÃO	2017		2018*	
	VOLUME	%	VOLUME	%
CARNES DESOSSADAS DE BOVINO, CONGELADAS	558	78,6	581	75,65
CARNES DESOSSADAS DE BOVINO, FRESCAS OU REFRIGERADAS	66	9,28	99	12,82
OUTRAS MIUDEZAS COMESTÍVEIS DE BOVINO, CONGELADAS	66	9,37	64	8,38
DEMAIS CATEGORIAS	20	2,76	24	3,14
TOTAL	710	100	768	100

*Valores de Janeiro a Julho.

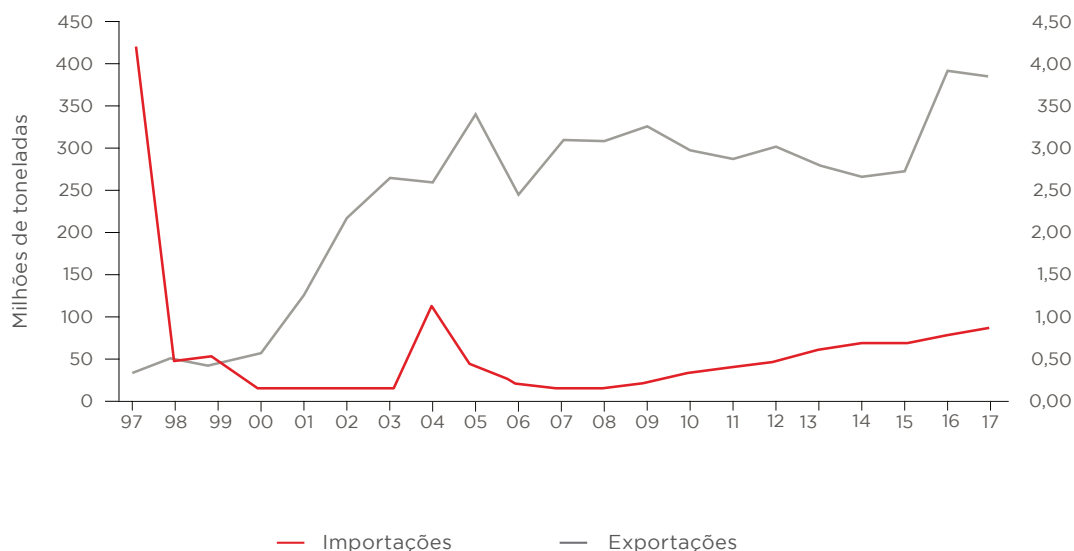
Fonte: Comex Stat (2018)⁵.

2.4.4 SUÍNO

A pauta exportadora de carne suína vem a mais de duas décadas contribuindo para o superávit da balança comercial do agro, como mostra o Gráfico 22. Os níveis recordes de 2016, com volume de exportação de 396 milhões de toneladas, contribuíram para sustentar o setor em 2016, já que após enfrentar altos custos com aquisição de milho e enfraquecimento da demanda interna, o setor se viu vulnerável. Suinocultores independentes, que também estavam descapitalizados com os preços do animal vivo abaixo do necessário para cobrir os custos elevados de produção, tiveram que reduzir o alojamento ou, ainda, sair da atividade.

Gráfico 22

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE SUÍNA, EM MILHÕES DE TONELADAS, ENTRE 1997 E 2017



Fonte: Comex Stat, 2018⁶.

6 Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

O Brasil atingiu seu nível recorde com as exportações de carne suína e, 2016. O impulso veio principalmente de embarques para a China, que aumentou o volume exportado de 1 milhão de toneladas em 2015 para cerca de 54 milhões em 2016, como mostra Tabela 8. Apesar do aumento de demanda chinês os principais importadores da carne suína brasileira são Rússia e Hong Kong.

Tabela 08

VOLUME DE CARNE SUÍNA EXPORTADA PELO BRASIL, EM MILHÕES TONELADAS, ENTRE OS ANOS DE 2015 E 2017

REGIÃO	2015		2016		2017	
	VOLUME	%	VOLUME	%	VOLUME	%
RÚSSIA	130	47,3	134	33,8	158	41,2
HONG KONG	59	21,4	94	23,7	79	20,6
CHINA	1	0,2	54	13,7	29	7,5
CINGAPURA	16	5,9	19	4,9	18	4,8
ARGENTINA	6	2,0	11	2,7	18	4,8
URUGUAI	11	4,1	15	3,7	17	4,4
ANGOLA	19	7,0	17	4,2	16	4,2
CHILE	4	1,6	13	3,2	12	3,1
GEÓRGIA	4	1,5	5	1,3	5	1,4
EMIRADOS ÁRABES	3	1,2	5	1,3	4	1,2
RESTO DO MUNDO	22	7,9	30	7,6	27	6,9
TOTAL GERAL	275	100	396	100	384	100

Fonte: Comex Stat⁷.

7 Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

Os principais produtos comercializados pela pauta exportadora brasileira são: Outras carnes de suíno congeladas, responsável por cerca de 84% das exportações do setor tanto em 2017 quanto em 2018 e Outras miudezas comestíveis de suíno congeladas, respondendo por cerca de 10% das vendas em 2017 e 11% em 2018, conforme Tabela 9.

Tabela 09

VOLUME DE CARNE SUÍNA, POR CATEGORIA, EXPORTADA PELO BRASIL, EM MILHÕES DE TONELADAS, PARA OS ANOS DE 2017 E 2018

REGIÃO	2017		2018*	
	VOLUME	%	VOLUME	%
OUTRAS CARNES DE SUÍNO, CONGELADAS	323	84,1	227	84,3
OUTRAS MIUDEZAS COMESTÍVEIS DE SUÍNO, CONGELADAS	38	9,9	30	11,0
PERNAS, PÁS E PEDAÇOS NÃO DESOSSADOS DE SUÍNO, CONGELADOS	13	3,5	9	3,3
CARCAÇAS E MEIAS-CARCAÇAS DE SUÍNO, CONGELADAS	6	1,4	2	0,7
DEMAIS PRODUTOS	4	1,1	2	0,7
TOTAL GERAL	384	100	269	100

*Valores de Janeiro a Julho.

Fonte: Comex Stat⁸.

8 Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

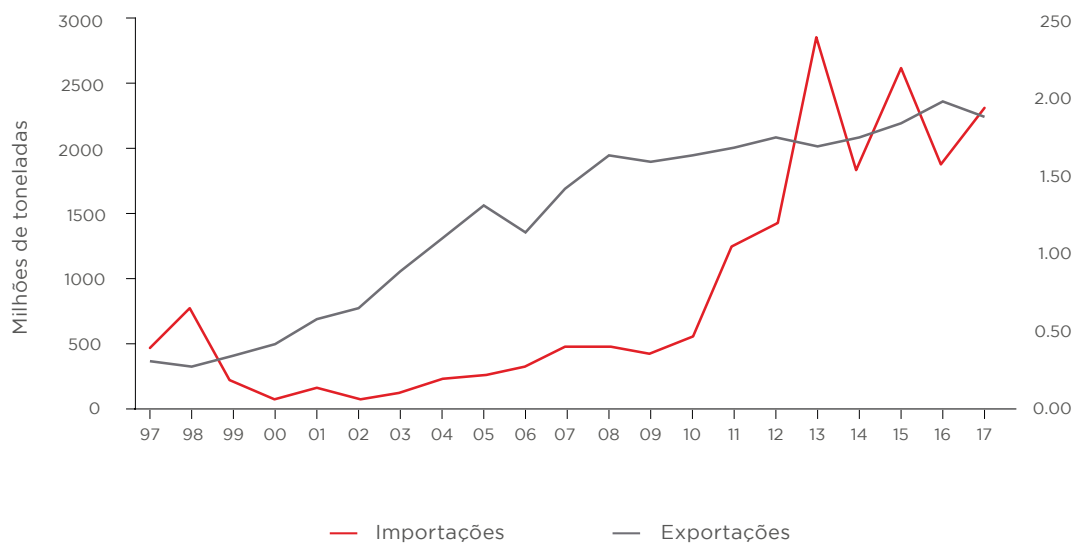
2.4.5 FRANGO

Atualmente a carne de frango brasileira acessa mais de 150 mercados, com cerca de 2 bilhões de toneladas embarcadas anualmente, além dos avanços tecnológicos que promovem expressivos saltos produtivos para o setor.

Assim como o segmento de suínos, o setor de frangos também bateu recordes de exportação em 2016 com forte ritmo de vendas para diversos mercados da Ásia, Europa e Américas, com destaque para a China.

Gráfico 23

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE DE FRANGO, EM MILHÕES DE TONELADAS, ENTRE 1997 E 2017



Fonte: Comex Stat⁹.

Nos últimos anos, em termos de volume, Arábia Saudita, Japão e China têm sido os maiores compradores da carne de frango brasileira e em 2017 responderam por cerca de 37% das exportações brasileiras, equivalente a 838 milhões de toneladas, como mostra a Tabela 10.

9 Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

Tabela 10

VOLUME DE CARNE SUÍNA EXPORTADA PELO BRASIL, EM MILHÕES TONELADAS, ENTRE 2015 E 2017

REGIÃO	2015		2016		2017	
	VOLUME	%	VOLUME	%	VOLUME	%
ARÁBIA SAUDITA	439	19,89	441	18,51	373	16,39
JAPÃO	227	10,30	236	9,92	239	10,47
CHINA	181	8,19	303	12,73	226	9,92
ÁFRICA DO SUL	139	6,29	141	5,91	184	8,08
EMIRADOS ÁRABES	173	7,85	182	7,62	168	7,38
HONG KONG	138	6,26	147	6,18	148	6,49
EGITO	45	2,06	62	2,60	102	4,49
KUWAIT	71	3,21	72	3,02	71	3,13
RÚSSIA	55	2,49	55	2,31	58	2,53%
IRAQUE	24	1,07	36	1,49	55	2,40
RESTO DO MUNDO	714	32,40	707	29,70	654	28,70
TOTAL GERAL	2205	100	2381	100	2278	100

Fonte: Comex Stat¹⁰.

Em 2017 os volumes do setor fecharam com decréscimo em relação a 2016. Apesar do decréscimo em volume a receita cambial das exportações do setor acumulou alta de 5,7%. A queda no volume exportado contribuiu para que a disponibilidade interna da carne aumentasse ao longo de 2017 e com isso os preços domésticos da avicultura de corte acumulassem quedas mensais quase que consecutivas.

Já em 2018 o cenário tem sido diferente. As exportações brasileiras de carne de frango caíram 8,5% no acumulado de janeiro a maio, com o maior exportador mundial sendo atingido por embargos comerciais impostos pela União Europeia após uma investigação de corrupção no setor. O volume de frango exportado no período foi de 1,6 milhão de toneladas, ante

10 Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>

1,75 milhão no mesmo período de 2017. Os embarques para a União Europeia caíram mais de 40%. O Brasil vendeu 92,5 mil toneladas para a UE no período, abaixo das 151,8 mil toneladas de 2017. A União Europeia suspendeu em abril as importações de proteínas brasileiras, principalmente aves, em uma decisão que afetou 20 unidades no país. Bruxelas relacionou a proibição a "deficiências detectadas no sistema de controle oficial brasileiro" depois que uma investigação de empresas locais e autoridades de saúde descobriu que elas conspiravam para burlar a qualidade e as verificações de segurança. Somente em maio, houve uma queda de 4,7% no volume de frango embarcado para fora do Brasil, para 333,2 mil toneladas.

Os produtos de exportação brasileira nesse segmento são compostos por Pedacos e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados e Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, congelada, que juntos vêm respondendo por quase 100% do embarque dos últimos anos, como mostra Tabela 11.

Tabela 11

VOLUME DE CARNE DE FRANGO, POR CATEGORIA, EXPORTADA PELO BRASIL, EM MILHÕES DE TONELADAS, PARA OS ANOS DE 2017 E 2018

DESCRIÇÃO	2017		2018*	
	VOLUME	%	VOLUME	%
PEDAÇOS E MIUDEZAS, COMESTÍVEIS DE GALOS/GALINHAS, CONGELADOS	1.535,3	67,39	1.231,3	71,68
CARNES DE GALOS/GALINHAS, NÃO CORTADAS EM PEDAÇOS, CONGELADA	742,4	32,58	486,4	28,31
PEDAÇOS E MIUDEZAS, DE GALOS/GALINHAS, FRESCOS/REFRIGERADOS	0,7	0,03	0,1	0,00
TOTAL	2.278,4	100	1.717,8	100

*Valores de Janeiro a Julho.

Fonte: Comex Stat¹¹.



3. BARREIRAS À COMERCIALIZAÇÃO DE CARNES NO BRASIL

Em 1947 houve a criação do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT) que buscou favorecer a liberalização do comércio, com o estabelecimento de normas de direito internacional econômico direcionadas à regulamentação do comércio internacional.

O GATT ao longo dos anos não teve como foco os produtos agrícolas, dessa forma houve brecha para que principalmente grandes economias, como a europeia, dessem tratamento diferenciado ao setor agrícola em relação ao industrial, levando à Política Agrícola Comum, a PAC. Essa política isolou os produtores europeus da competição externa, criando mecanismos de restrições às importações, subsídios às importações, que se distanciavam dos estabelecidos pelo GATT.

A agricultura só entrou efetivamente na agenda do GATT com a Rodada Uruguai, por meio da ação de um grupo de países desenvolvidos e em desenvolvimento, entre eles o Brasil, que visavam à liberalização do comércio agrícola. A Rodada Uruguai levou à criação da Organização Mundial do Comércio (OMC) e a agricultura conseguiu encontrar espaço institucional no Acordo sobre Agricultura, que deu início a um processo de mudança do comércio internacional agrícola.

Com o propósito de expandir suas exportações o Brasil, com ajuda das iniciativas pública e privada, deu início a um processo de mudanças e adaptações para atender as exigências do mercado externo. Em 1992 implantou o Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (PNEFA). Desde então, foram criadas instituições para ampliar as zonas livres de febre aftosa. Em 1998, ocorreu o reconhecimento da primeira zona livre de febre aftosa com vacinação, constituída pelos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em 2001 houve a ampliação da zona livre de febre aftosa com vacinação, com reconhecimento dos Estados da Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Sergipe, Tocantins e parte de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo. Em 2003 o reconhecimento se estendeu ao Estado de Rondônia.

Entretanto em 2005 houve a suspensão da área livre de febre aftosa em grande parte dos estados brasileiros, essa situação só foi regularizada em 2007. Para dar mais credibilidade ao sistema e promover transparência na origem do produto, foi criado então o Serviço

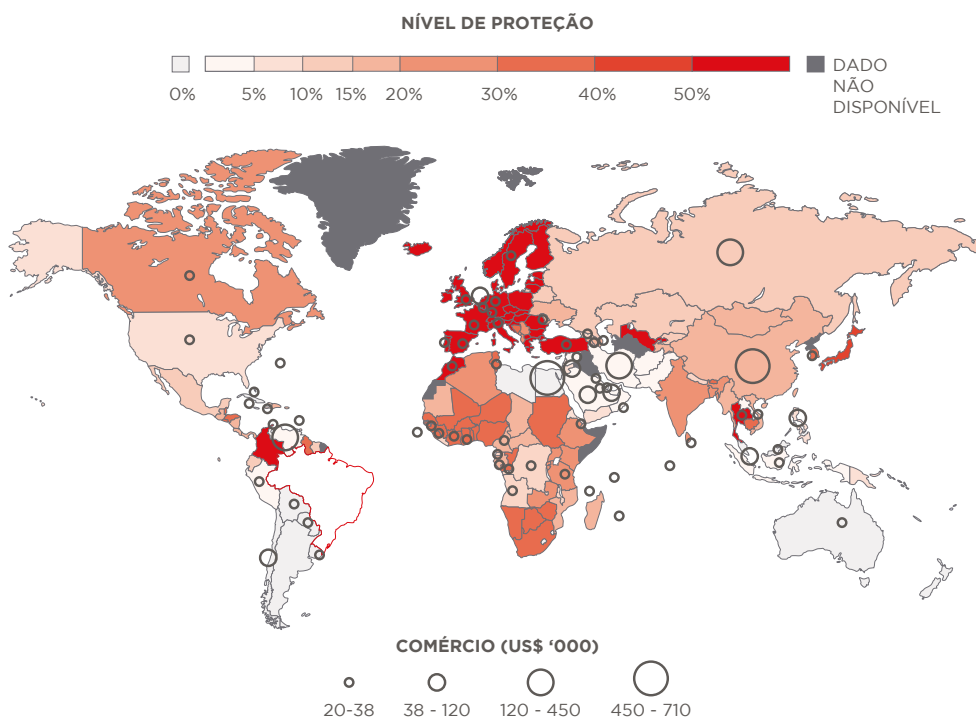
de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos (Sisbov).

Apesar de todos os esforços brasileiros, em levantamento feito pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), é possível identificar pelo menos 20 barreiras comerciais contra produtos brasileiros no exterior. O setor frigorífico brasileiro sofre com diversas medidas protecionistas advindas de mercados estrangeiros. Apesar de o Brasil exportar proteína animal para 160 mercados abertos e se destacar pelo status sanitário, no primeiro semestre de 2018 embargos ao frango e à carne suína brasileira derrubaram as vendas desses produtos ao exterior. As figuras 6, 7 e 8 abaixo apresentam as barreiras impostas às carnes brasileiras.

A Europa como um todo aplica barreiras tarifárias superiores à 50% à carne bovina brasileira, apresentando-se o continente mais restritivo.

Figura 06

NÍVEIS DE PROTEÇÃO APLICADOS À CARNE BOVINA BRASILEIRA NO MERCADO INTERNACIONAL



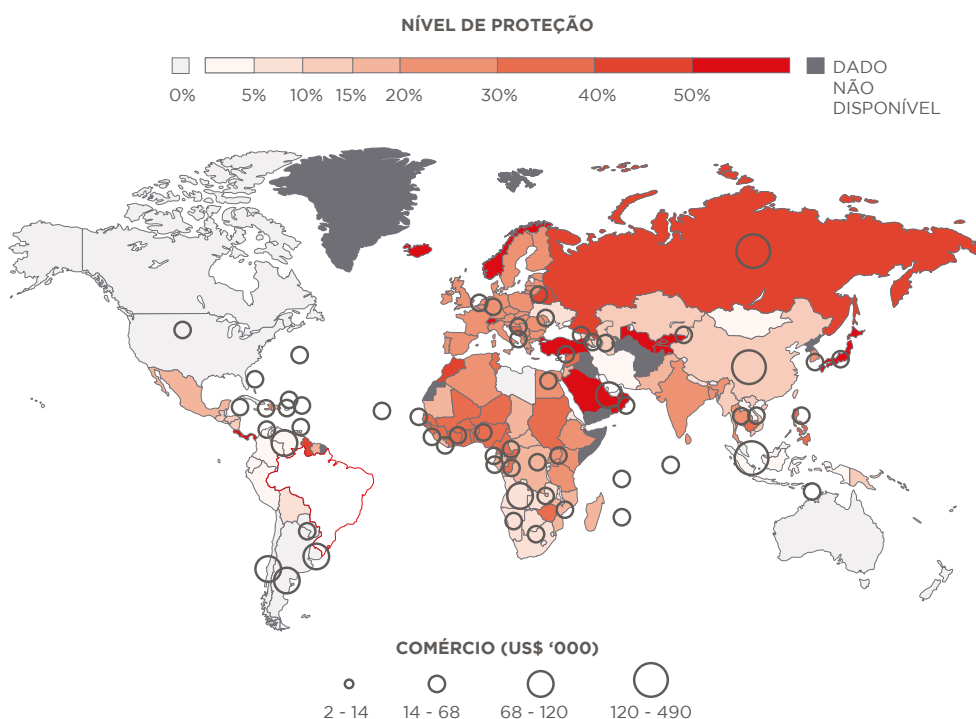
Fonte: Adaptado de Macmap (2018)¹.

¹ Disponível em: <http://www.macmap.org/QuickSearch/FindTariff/FindTariff.aspx>

A Rússia, um dos principais importadores da carne suína brasileira impõe altos níveis de proteção, inclusive sob alegação de ter encontrado uma substância não permitida nos produtos importados. Alguns países da Europa, África e América do Norte também praticam taxas altas. Praticamente todo o continente asiático, europeu e africano aplica barreiras comerciais à carne suína brasileira.

Figura 07

NÍVEIS DE PROTEÇÃO APLICADOS À CARNE SUÍNA BRASILEIRO NO MERCADO INTERNACIONAL



Fonte: Adaptado de Macmap (2018)²

A carne de Frango brasileira sofre com barreira tarifárias vindas de diversos lugares do mundo. Com exceção da Oceania e América do Sul, o setor aviário conta com barreiras médias ou fortes vindas dos demais continentes brasileiros.

Além das barreiras tarifárias, o Brasil atualmente pode exportar para a União Europeia até 21,6 mil toneladas de frango in natura sem impostos. Além dessa cota, o país pode

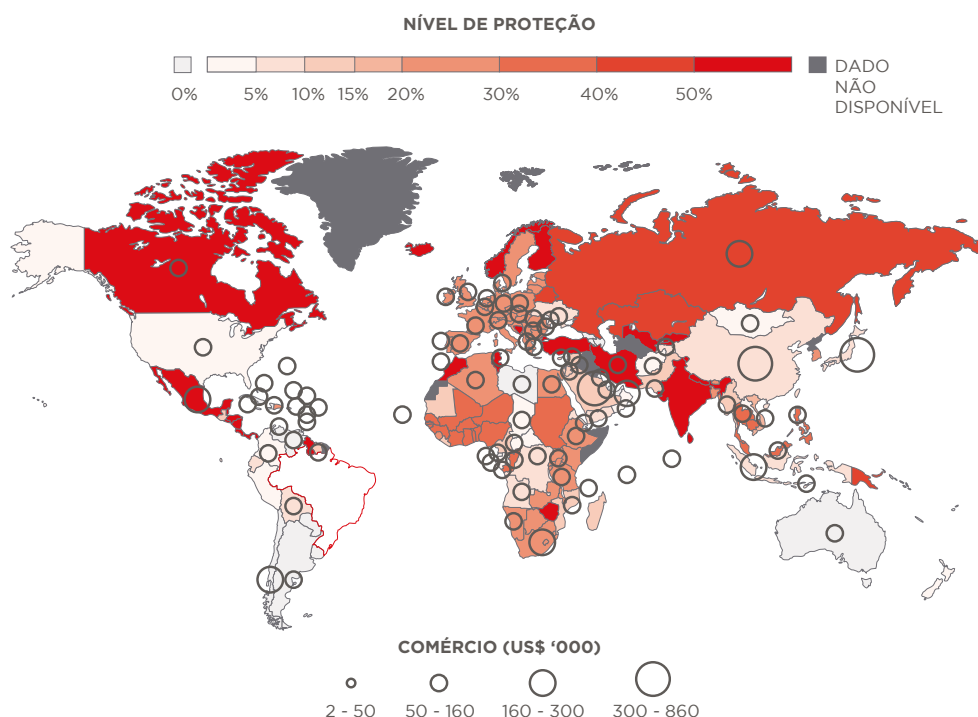
² Disponível em: <http://www.macmap.org/QuickSearch/FindTariff/FindTariff.aspx>

exportar ainda 170,8 mil toneladas de frango in natura com adição de 2% de sal. Sobre esses produtos são cobrados 15,4% de impostos e há a exigência de que não apresentem 2,6 mil tipos de salmonela. A exigência pode cair para apenas dois tipos da bactéria caso seja paga uma taxa extra de 1.024 euros por tonelada.

No caso da China, o país asiático alegou que a entrada de carne de frango estava prejudicando a produção local, e no primeiro semestre de 2018 passou a aplicar uma sobretaxa. A Índia adotou medidas semelhantes à China. Com o crescimento econômico do país, os indianos passaram a consumir mais proteína animal. Assim, há grande potencial para a carne de frango. A taxa aplicada sobre o produto vindo do Brasil é maior do que a de outras nações, reduzindo a competitividade.

Figura 08

NÍVEIS DE PROTEÇÃO APLICADOS À CARNE DE FRANGO BRASILEIRA NO MERCADO INTERNACIONAL



Fonte: Adaptado de Macmap (2018)³

³ Disponível em: <http://www.macmap.org/QuickSearch/FindTariff/FindTariff.aspx>

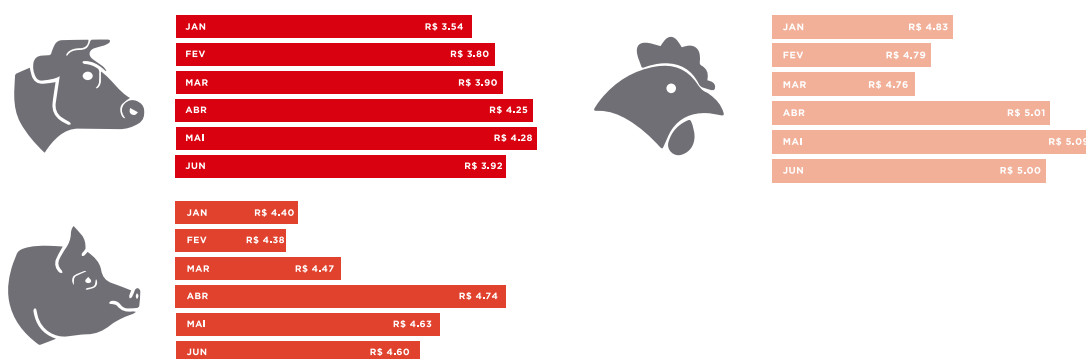
Além de se deparar com as fortes barreiras à exportação e todo o marketing negativo vindo da Operação Carne Fraca, o setor também enfrenta dificuldades internas. Alterações no mercado externo, como redução da demanda, impactam diretamente o mercado interno com aumento de oferta puxando para baixo o preço final e com isso o preço pago ao produtor.

Para o caso do boi, os frigoríficos trabalham apenas com o peso morto, que geralmente corresponde entre 50% e 55% do peso vivo do animal, mas só depois do abate se tem a certeza disso. O gado, então, segue para o abate e depois é encaminhado para a linha de produção, onde são retiradas as partes que não são contabilizadas na pesagem. Depois desta etapa, chamada de limpeza, ficam as carcaças, formadas apenas por ossos e carne. Na sala da balança, o pecuarista, consegue acompanhar o fim do processo de abate e a pesagem na balança. Só aí ele consegue saber, na prática, quanto vai receber pelos animais que acabaram de morrer.

O preço pago ao pecuarista durante o ano de 2018 no Rio Grande do Sul oscilou ao longo dos meses e encerrou junho negativo para todos os segmentos do complexo da carne, como mostra o Gráfico 23. Além disso fatores climáticos, como a ausência de chuvas têm contribuído para a elevação dos custos dos pecuaristas.

Gráfico 24

QUILO DE BOVINO E SUÍNO PAGO AO PRODUTOR E QUILO DE FRANGO ABATIDO PAGO AO PRODUTOR NO RIO GRANDE DO SUL EM 2018



Fonte: Cepea⁴

⁴ Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br>.



EFEITOS DA OPERAÇÃO CARNE FRACA

O ano de 2017, que começou com redução do consumo por conta da retração econômica, ganhou episódios dignos de ameaçar a liderança mundial brasileira no segmento de proteína animal. Ainda se recuperando dos estragos causados pela Operação Carne Fraca e pela delação premiada da JBS, o setor quer arrumar a casa e voltar aos patamares de crescimento que o alçaram ao topo mundial.

Em 17 de março de 2017 foi deflagrada pela Polícia Federal a Operação Trapaça. A Operação Carne Fraca cumpriu 309 mandados judiciais. A movimentação abalou todo o setor, apesar de os investigadores não sabem precisar o tamanho da fraude, qual a extensão da venda de alimentos irregulares ou em quais locais ocorreu a comercialização, mas afirmaram ter descoberto um sistema com risco de prejudicar a saúde. O esquema de venda de carne adulterada envolvia funcionários públicos responsáveis pela fiscalização e essa operação abalou a credibilidade do setor no cenário internacional.

Até o final de março, quando a Polícia Federal tornou pública investigação de irregularidades na fiscalização de frigoríficos, os embarques de carne de frango vinham crescendo 12% e de suína quase 40%, na comparação ao primeiro semestre de 2016. Passado o choque inicial, com embargos temporários, as indústrias brasileiras conseguiram retomar os principais mercados importadores, como Ásia e Europa. Apenas cinco países, com pouca expressão, mantiveram as suspensões: Albânia, Santa Lúcia, Zimbábue, Benin e Congo.

ANEXO 1

APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS ANALISADOS CONFORME SUA NOMECLATURA COMUM DO SUL - NCM

CÓDIGO NCM	DESCRIÇÃO
02011000	Carcaças e meias carcaças de bovino, frescas ou refrigeradas
02012010	Quartos dianteiros não desossados de bovino, frescos/refrigerados
02012020	Quartos traseiros não desossados de bovino, frescos/refrigerados
02012090	Outras peças não desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas
02013000	Carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas
02021000	Carcaças e meias-carcaças de bovino, congeladas
02022010	Quartos dianteiros não desossados de bovino, congelados
02022020	Quartos traseiros não desossados de bovino, congelados
02022090	Outras peças não desossadas de bovino, congeladas
02023000	Carnes desossadas de bovino, congeladas
02031100	Carcaças e meias-carcaças de suíno, frescas ou refrigeradas
02031200	Carcaças e meias-carcaças de suíno, frescas ou refrigeradas
02031900	Outras carnes de suíno, frescas ou refrigeradas
02032100	Carcaças e meias-carcaças de suíno, congeladas
02032200	Pernas, pás e pedaços não desossados de suíno, congelados
02032900	Outras carnes de suíno, congeladas
02061000	Miudezas comestíveis de bovino, frescas ou refrigeradas
02062100	Línguas de bovino, congeladas
02062200	Fígados de bovino, congelados
02062910	Rabos de bovino, congelados
02062990	Outras miudezas comestíveis de bovino, congeladas
02063000	Miudezas comestíveis de suíno, frescas ou refrigeradas
02064100	Fígados de suíno, congelados

CÓDIGO NCM	DESCRIÇÃO
02064900	Outras miudezas comestíveis de suíno, congeladas
02071100	Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, frescas/refrigeradas
02071200	Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, congelada
02071300	Pedaços e miudezas, de galos/galinhas, frescos/refrigerados
02071400	Pedaços e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados
02101100	Pernas/pás/pedaços, de suíno, não desossados, salgados, etc.
02101200	Barrigas e peitos, entremeados, de suíno, salgados, etc.
02101900	Outras carnes de suíno, salgadas ou em salmoura, secas, etc.
02102000	Carnes de bovinos, salgadas/em salmoura/secas/defumadas

ANEXO 2

LISTA DE ABREVIações

ACRÔNIMO	DESCRIÇÃO
CCPR	Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais
CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
CNA	Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
UE	União Europeia.
GATT	Acordo geral sobre Tarifas e Comércio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MT	Milhões de Toneladas
NCM	Nomenclatura Comum do Sul
PIA	Pesquisa Industrial Anual Empresa
PIB	Produto Interno Bruto
PPM	Pesquisa Pecuária Municipal



RIO DE JANEIRO

Praia de Botafogo 190/6º andar
Tel.: +55 21 3799.5498
Fax.: +55 21 2553.8810

SÃO PAULO

Av. Paulista 1294/15º andar
Tel.: +55 11 3799.4170
Fax.: +55 11 3262.3569

www.fgv.br/fgvprojetos